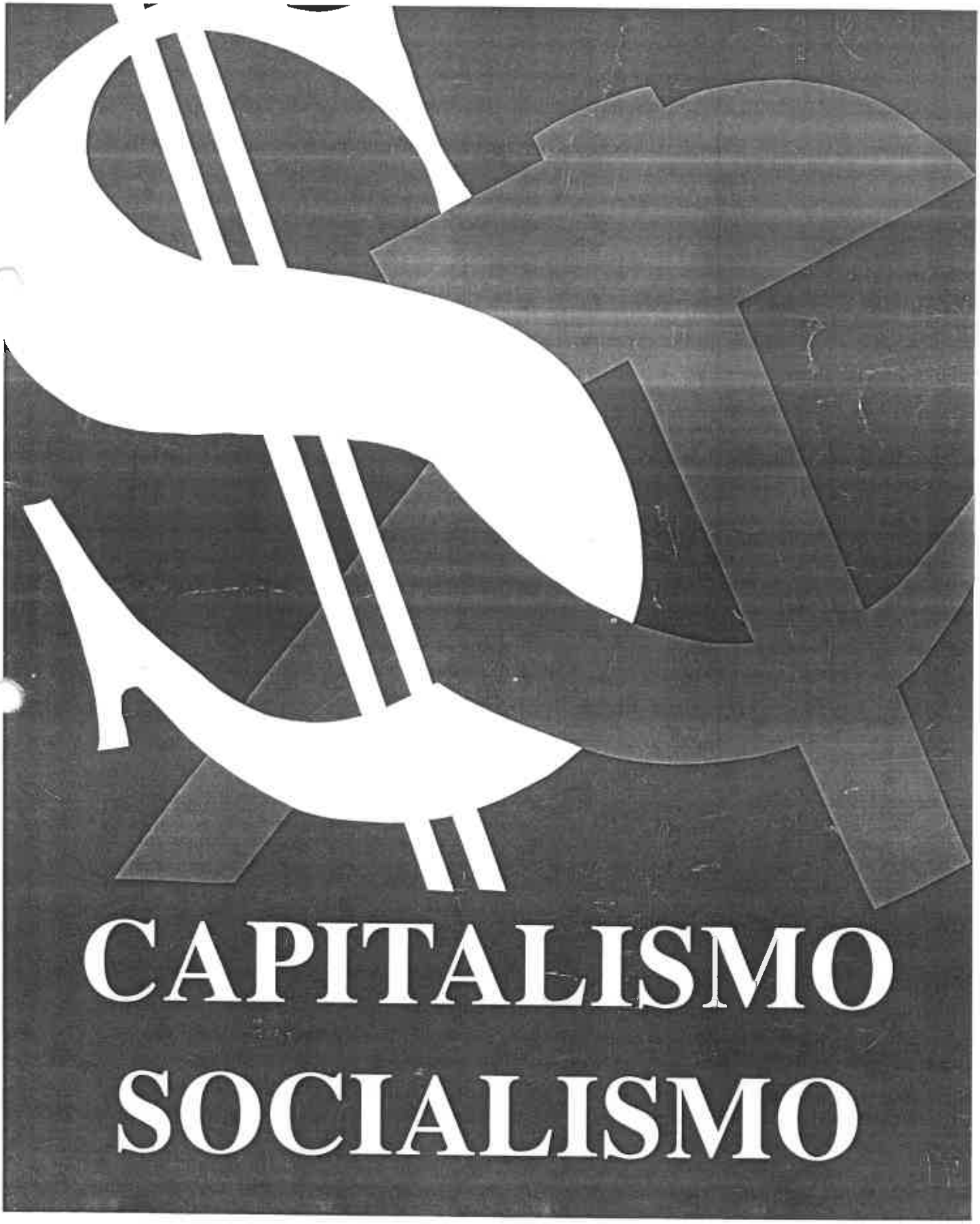
SEARA NOVA

N.º 28 – MARÇO / ABRIL 1990

REVISTA BIMESTRAL



CAPITALISMO SOCIALISMO

PREÇO 250$00

CAPITALISMO E SOCIALISMO HOJE

Capitalismo e socialismo, eis a questão!

Agora mais do que nunca polémica e viva, que importa informar e questionar.

A Seara Nova não querendo ficar indiferente a esta problemática, que envolve ideias, sistemas e situações de transcendente importância e actualidade para os homens de todo o mundo e, portanto, para os leitores da Seara também, convidou sete economistas, altamente qualificados, para debater o tema em epígrafe, numa Mesa Redonda, moderada pelo seu próprio director.

Os convidados participantes, são: Drs. António Mendonça (prof. auxiliar do I.S.E.G.), Carlos Bastien (prof. auxiliar do I.S.E.G.), Elivan Ribeiro (profª auxiliar do I.S.E.G.), Mário Murteira (prof. catedrático do I.S.C.T.E.), Octávio Teixeira (deputado da A.R.), Roque Amaro (prof. associado do I.S.C.T.E.) e Sérgio Ribeiro (deputado da A.R. e prof. auxiliar do I.S.E.G.).

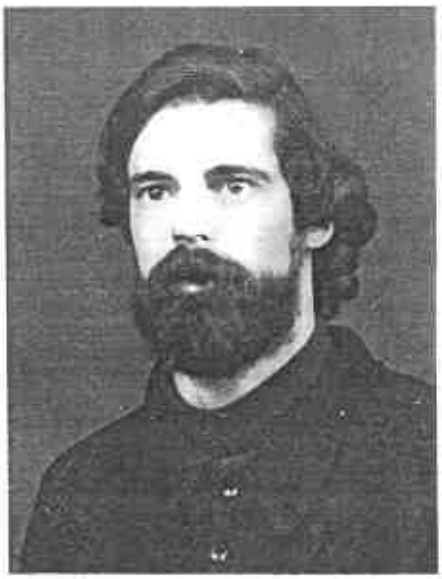
Com origens, pontos de vista e experiências diferentes, como vão observar de seguida, embora todos se possam considerar pertencendo à Grande Esquerda, as suas intervenções complementam-se e, por certo, irão proporcionar uma informação global, diversificada, bastante rica e útil, indispensável ao conhecimento e avaliação das forças em confrontação e, por ventura, estímulo para novos debates e reflexões, sempre do maior interesse cultural e político para todos nós.

A crise do socialismo na Europa, abrirá o debate, com um conjunto de tópicos que se apresentam a seguir.

Antes, porém, sugere-se que as intervenções devam respeitar, tanto quanto possível, pelo menos na primeira volta, a ordem em que os convidados se encontram sentados à volta desta mesa, começando assim, se ninguém se opõe, pelo dr. Octávio Teixeira.

Eis os tópicos em questão: *Será que no Leste se trata de uma sociedade de transição ou modo de produção de mercado? Será Socialismo ou Modo de Produção Burocrático?* E, depois, *será que essa crise corresponde a uma necessidade histórica ou a erros dos seus protagonistas? A Perestroika, será aperfeiçoamento? Novo modo de regulação? Nova forma económica e social? Leste que futuro? (que significado para o marxismo?).*

Dr. António Mendonça



Dr. Carlos Bastien

Drª Elivan Ribeiro

Dr. Mário Murteira

Dr. Octávio Teixeira

Dr. Roque Amaro

Dr. Octávio Teixeira:

Sobre o primeiro tema que nos é proposto, isto é, se as sociedades dos países do Leste europeu devem ser consideradas sociedades de transição ou modos de produção demarcados, importa ter presente que a passagem do modo de produção capitalista ao modo de produção socialista não é automático. A sociedade socialista não surge por mero resultado da existência de um Estado proletário e da nacionalização dos principais meios de produção. Há todo um longo caminho a percorrer na construção da sociedade socialista até que se atinja a «fase madura» ou a «fase superior da sociedade comunista».

Durante todo esse processo histórico, não delimitado no tempo, a sociedade socialista desenvolve-se com a existência e interacção de elementos de modos de produção distintos em que, naturalmente, os elementos do modo de produção socialista se vão tornando crescentemente dominantes.

E se a apropriação colectiva, através do Estado, dos principais meios de produção é condição necessária para criar as bases materiais de uma sociedade socialista, ela não é seguramente uma condição suficiente para a construção dessa sociedade, exigindo-se o desenvolvimento de etapas posteriores que conduzam à efectiva socialização dos meios e das relações de produção. Como dizia Lenine, ao criticar o esquerdismo, é mais simples e rápida a nacionalização ou estatização que a socialização.

Neste sentido, julgo poder afirmar que as sociedades que se desenvolveram nos países socialistas devem ser caracterizadas como sociedades de transição.

Trata-se de sociedades em que os elementos do modo de produção socialista – ainda que muitas vezes deformados ou deturpados – eram, ou são, dominantes, distinguindo-se perfeitamente do sistema capitalista, mas em que o sistema socialista não vigora na sua plenitude. Já não são sociedades capitalistas. Mas ainda não são sociedades socialistas. E porque sociedades de transição e não modos de produção socialista acabados, é que existe a possibilidade objectiva de reversibilidade, como os acontecimentos recentes mostram.

Coloca-se, por outro lado, a questão de saber se o socialismo é um modo de produção burocrático. Tenho para mim que o modo de produção socialista, nas suas vertentes económica, jurídico-política e ideológica não é, nem pode ser, um sistema burocrático. Na sua essência, na sua doutrina, o socialismo é um sistema evolutivo e criativo, que tendo por objectivo o Homem exige, na sua construção e evolução, a permanente intervenção do indivíduo e das massas populares. Essa intervenção permanente e em todas as esferas da sociedade é, ou deve ser, o maior garante da não burocratização do sistema.

Dr. Sérgio Ribeiro

É um facto que as experiências concretas a que se verificaram nos países de Leste da Europa nos mostram sociedades profundamente burocráticas. Mas essa burocratização resultou precisamente, do meu ponto de vista, de os indivíduos, os trabalhadores, terem sido usurpados de muitos dos seus direitos de participação activa e permanente no sistema. E isto tanto no âmbito económico como nas esferas política e partidária. Foram os erros e deformações cometidos em relação a princípios fundamentais do socialismo e da doutrina marxista-leninista, que geraram sociedades caracterizadamente burocráticas, nomeadamente no que diz respeito à orientação e direcção da economia e à dogmatização ideológica, e conduziram às crises profundas que se abateram sobre os países do Leste europeu.

Pelo que acabo de referir, é evidente que considero que essas crises não são uma necessidade histórica do processo de construção do socialismo, mas sim uma consequência dos atrasos, dos erros e dos desvios que se verificaram ao longo

dos anos. É certo que o socialismo, mesmo sem erros de aplicação prática e sem violações dos seus princípios doutrinários, contém em si contradições como qualquer outro modo de produção. Mas tais contradições não são antagónicas como no sistema capitalista, e vão sendo superadas pela própria dialéctica dos contrários. Do mesmo modo que é inevitável que a construção da sociedade socialista vá deparando com erros de percurso, que a própria sociedade, assente nos princípios doutrinários em permanente evolução, vai corrigindo. Mas não há, na construção do socialismo, qualquer necessidade histórica de crises tão profundas como as que abalam as sociedades do Leste europeu e que, em alguns países, põem em causa a própria continuidade do processo de construção do socialismo e ameaçam recuos históricos substanciais.

Não será esse, julgo eu e assim o espero, o caso concreto da Perestroika na União Soviética. Quer o PCUS quer os principais responsáveis do Estado Soviético, que tomaram a iniciativa da reestruturação, desde o início apresentam a perestroika como um «processo revolucionário de transformação da sociedade».

Mikhail Gorbatchov escrevia, recentemente, que a Perestroika é um «processo revolucionário que está a ser realizado por métodos democráticos, com o povo e para o povo, em relação ao qual o Partido intervém como a sua vanguarda política. A actividade e a iniciativa de que dá provas é, deste modo, uma manifestação natural do seu papel de vanguarda». Na plataforma do CC do PCUS para o seu 28º Congresso, a realizar este ano, lê-se que a perestroika se guia «pela fidelidade ao espírito criador da filosofia materialista e da metodologia dialéctica de Marx, Engels e Lenine», repudiando «o sectarismo ideológico, o dogmatismo e a intolerância em relação às opiniões e ideias diferentes», e mantendo «uma adesão inabalável à opção socialista e às ideias da Revolução de Outubro». Por sua vez, o vice-primeiro ministro da URSS, responsável pela reestruturação económica (L. Abaikin), é claro ao afirmar que «o funcionamento do mecanismo da economia socialista nos moldes que pretendemos não tem nada a ver com processos espontâneos. Trata-se de atributos da direcção planificada que se prendem com aspectos importantíssimos tais como o aumento das necessidades no processo de elaboração dos planos de produção, a combinação das características estabilidade e flexibilidade no sistema de preços, o reforço do papel do mecanismo do crédito, da distribuição dos lucros e da formação de fundos de incentivação económica». Poderia multiplicar as citações de responsáveis soviéticos, mas todas elas conduzem à mesma conclusão: a Perestroika é um processo que visa corrigir e superar os erros e deformações, reestruturar a sociedade na base das conquistas históricas da revolução socialista e enriquecê-la com novos valores políticos, económicos, sociais, morais e humanos, correspondentes ao ideal libertador do comunismo. O que não invalida que o seu processo não seja linear e que no processo não possam surgir acontecimentos e situações negativas.

A situação apresenta-se diferente noutros países, sendo grande a gravidade, a instabilidade e a incerteza quanto à sua evolução. Evolução que dependerá não apenas de factores políticos, mas da orientação que vier a ser seguida quanto às estruturas socioeconómicas e da capacidade de recuperar a confiança e o apoio das massas populares para a defesa das conquistas sociais e para o ideal do socialismo.

É claro que os acontecimentos que se registaram e estão em curso nesses países, afectam negativamente o marxismo e o marxismo-leninismo, e são verdadeiras derrotas para a causa do socialismo. Mas não é o socialismo e a sua ideologia que estão em causa com esses acontecimentos, mas sim os «modelos» concretos que se afastaram dos ideais e princípios socialistas. Pelo contrário, a vitória, designadamente, da Perestroika na URSS tornará mais atractiva a sociedade socialista para os trabalhadores de todo o mundo.

De qualquer modo, julgo que destas experiências históricas uma grande lição fica: a prática veio demonstrar, e de forma dramática, que tal como o ensina a teoria, o marxismo e o leninismo não podem ser encarados como dogmas mas sim como instrumentos de análise da realidade sempre em mutação, e que a democracia política, não esgotando em si o conceito de democracia socialista, tem um valor intrínseco e deve ser inteiramente assegurada.

Dr. António Mendonça:

– Procurando respeitar o mais possível o primeiro ponto e os tópicos que são dados para motivar a discussão, começaria por dizer que falar do socialismo e capitalismo hoje, implica, em primeiro lugar uma redefinição prévia de conceitos. Por um lado, os acontecimentos absolutamente inesperados que estão a ocorrer no Leste fizeram ruir completamente, na minha opinião, a ideia de «socialismo real» e também da outra ideia a ela associada de «sistema económico socialista». Por outro lado, a capacidade de inovação e de adaptação demonstradas pelo capitalismo e, em particular, a capacidade que este sistema económico tem tido de integrar as conquistas da revolução científica e tecnológica em curso, não podem deixar de provocar interrogações relativamente ao significado da ideia de construção do socialismo nas sociedades capitalistas contemporâneas. O próprio projecto de transformação socialista, nos nossos dias, nas sociedades capitalistas, precisa de ser redefinido.

A realidade do presente projecta outra luz, também, sobre o passado. Como encarar o chamado «socialismo real» na Europa, como sociedades de transição, para o comunismo, ou como um modo de produção demarcado? O que está a acontecer, neste momento, no Leste europeu, as transformações em curso, a reflexão que sobre elas se tem produzido, muito especialmente a que é feita pelos próprios dirigentes soviéticos, levam-me a crer que o que acabou por se concretizar na União Soviética foi um modo de produção específico, com as suas contradições e com as suas leis próprias. Se este modo de produção é, ou foi, socialismo, ou não, penso que é hoje, uma questão que volta a estar em cima da mesa para discussão. A ideia que eu tenho é a de que, não obstante as intenções dos protagonistas da História, das pessoas que fizeram a revolução e que procuraram construir uma sociedade alternativa ao capitalismo, o que acabou por produzir-se, objectivamente, e sublinho o objectivamente, foi um modo de produção específico cujas leis de movimento pouco terão a ver com a materialização do ideal

socialista, pelo menos, da forma em que ele teorizado pelos clássicos. Um modo de produção que eu, à falta de melhor, designaria de burocrático-administrativo ou centralista-burocrático, designações que, aliás, são compartilhadas pelos próprios dirigentes soviéticos e, em particular pelo próprio Gorbatchov. Isto não significa que ele não tenha sido um avanço relativamente à situação anterior. De facto, este modo de produção, permitiu que houvesse desenvolvimento económico, desenvolvimento social e mesmo desenvolvimento político. Houve conquistas, a todos os níveis, importantíssimas, e mesmo no plano, hoje tão debatido, da tecnologia, não nos podemos esquecer que os pioneiros da conquista espacial foram os soviéticos com o Sputnik nos anos 50, com o primeiro homem no espaço – o Gagárine – em 1961, e mesmo actualmente, apesar de toda a crise económica, mantém uma estação orbitral, habitada, permanente e, ao que tudo indica, estão na vanguarda na corrida para Marte. Estas conquistas não terão sido a materialização do ideal teórico socialista mas é indiscutível que houve progresso a todos os níveis.

É neste contexto que a crise actual deve ser compreendida. Questiona-se se ela constitui uma necessidade histórica ou se é um resultado dos erros dos protagonistas. Penso que o que está a acontecer, mais do que um resultado de erros dos protagonistas (que os houve e muitos é uma realidade, mas, onde é que os não há?) é um resultado objectivo do desenvolvimento das contradições do tal modo de produção específico de que falei. É uma crise do próprio modo de produção que traduz o seu esgotamento e a necessidade de passar a uma forma de organização económica, social e política, superior. Paradoxalmente, onde se terão evidenciado mais as leis do materialismo histórico, terá sido a Leste com os processos de transformação em curso. A ideia de contradição entre forças produtivas e relações de produção ganhou ali uma dimensão muito própria, talvez mesmo mais significativa do que acabou por ter do lado de cá. O que está a acontecer a Leste pode ser interpretado como um resultado do desenvolvimento dessa contradição, como a procura de novas relações de produção que desbloqueiem o desenvolvimento das forças produtivas, processo que, como diz a própria teoria, exige a alteração de toda a superestrutura política, ideológica, etc... É também uma ideia que parece ser partilhada pelos próprios impulsionadores da «Perestroika». Quando pegamos nos textos de Gorbatchov, nos textos de Aganbeguian ou nos textos de Abalkin, é isso que encontramos. Eles afirmam, que o que está em causa é a reconstrução, não apenas da base económica, mas de toda a superestrutura política, jurídica, do Estado, do Partido (parece que neste último caso a reconstrução do Partido poderá passar pela criação de outros partidos). De facto, o que parece estar ali em causa é a alteração, a substituição de um modo de produção por outro. Esta ideia pode não estar claramente explicitada mas é a que está implícita quando se fala de reorganização da economia e de reorganização da superestrutura.

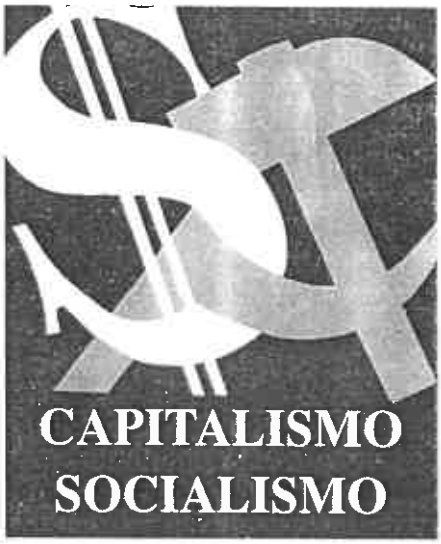
Será a «Perestroika» um aperfeiçoamento? Pelo menos nas intenções dos seus impulsionadores e protagonistas (e voltamos à relação entre as intenções e o resultado histórico) não é de simples aperfeiçoamento que se trata mas de ruptura com a situação anterior, uma ruptura que implica novas relações económicas, novas relações sociais, novas relações políticas, em suma, um novo modo de produção, no sentido histórico do termo.

Drª Elivan Ribeiro

– Há muitas maneiras de agarrar o conjunto das questões aqui postas. Eu começaria pela questão associada ao Modo de Produção, procurando discutir o conceito e a utilização que frequentemente lhe é dada. No meu entender este conceito que é parte integrante do método designado por materialismo histórico, define a essência das diferentes formas de organização social no que respeita a base ou relações de produção e a superestrutura correspondente, sendo, como de resto qualquer conceito, uma simplificação do concreto. Modo de Produção como categoria, para mim somente é válido nos limites da teoria.

A forma como este conceito foi utilizado por Marx, aliás não exaustivamente e algumas das vezes com sentido pouco rigoroso, cingiu-se à explicação da essência dos tipos de apropriação do produto do trabalho consoante os níveis de desenvolvimento das forças produtivas e com a forma de propriedade dos meios de produção em uso.

Posteriormente aos escritos de Marx, o conceito foi sendo apropriado e desenvolvido e eu gostaria de chamar a atenção para duas das principais vertentes, muito próximas aliás, por onde o «Modo de Produção» teve o seu percurso. Uma, a interpretação que lhe deu Estaline, com a qual, na sua quase totalidade, os teóricos do Movimento Comunista Internacional se identificaram e, os Partidos Comunistas transformaram «em lei». A outra vertente, académica, se se pode assim chamar, teve entre outros autores Maurice Godelier, inclusive com grande responsabilidade mesmo ao nível da divulgação em todo o mundo ocidental.



Mesmo considerando apenas o nível teórico, o conceito Modo de Produção suscitou durante muito tempo uma grande polémica. Eu penso, no entanto, que utilizado apenas no âmbito da discussão teórica o conceito em si poderia ser inócuo. Não o foi na prática. Não quero dizer com isso que o conceito levasse necessariamente ao erro. O que quero dizer é que a sua utilização como categoria analítica não foi feliz.

Para mim transformar um conceito abstracto em instrumento de acção é um grave erro metodológico. No caso particular do conceito em discussão a sua transformação num instrumento capaz de permitir ao seu utilizador dissecar e esgotar toda a caracterização das sociedades humanas em qualquer tempo ou

época, em qualquer parte do globo, foi grave erro.

Esta instrumentalização do conceito serviu de fundamento à intervenção política não somente dos partidos comunistas que estiveram no poder, nomeadamente a partir dos meados dos anos 20, mas também à intervenção dos partidos comunistas dos países capitalistas. Foi, a meu ver, a vertente impulsionada por Estaline, aquela que esteve mais presente nas análises das sociedades humanas feitas pelos partidos comunistas. Foram análises abrangentes e redutoras, com o conceito dogmatizado, forçando uma hierarquização rígida de sucessão de modos de produção, para qualquer sociedade, transformando o conceito numa espécie de lupa na posse da qual os partidos comunistas tinham respostas, durante algumas longas décadas, para todas as questões económicas, políticas, religiosas, sociais em geral que se lhes apresentassem.

Mas, onde custou mais caro este erro metodológico foi, sem dúvida, naquelas sociedades onde os partidos comunistas detiveram o poder sozinhos e de forma absoluta.

Julgo que na apreensão incorrecta, desenvolvimento pobre e transformação em instrumento de intervenção do conceito de Modo de Produção encontram-se muitos dos fundamentos do que hoje é apontado como «crise» do sistema socialista.

A meu ver, a abusiva definição do socialismo como modo de produção específico oumesmo como modo de produção de transição, serviu de fundamento para que se exarcebasse, elegendo em absoluto, um conjunto de qualidades ou elementos que, à partida, faziam parte do modo de produção que se procurava de forma voluntarista construir.

Desta forma, modo de produção de transição ou modo de produção socialista são nuances, são rótulos para a mesma coisa. Significam, quer um quer outo, coisas bem menos inócuas do que a apreensão do conceito no âmbito restrito da teoria.

Esta designação justificou a passagem imposta, por decreto, da propriedade privada dos meios de produção para a propriedade social sob a forma da propriedade estatal, nos países socialistas, com a consequente supressão dos mecanismos económicos típicos de uma economia de mercado. À luz do conceito, identificado como um mecanismo do modo de produção capitalista... Nada mais lógico! A construção do futuro radioso passaria necessariamente pela supressão da propriedade privada dos meios de produção, pela supressão da concorrência, da livre iniciativa, de tudo aquilo que pudesse entrar em conflito com os interesses da classe operária, a classe do futuro.

Isto do ponto de vista mais económico, da base material ou estrutura da sociedade tipicamente socialista.

Quanto à superestrutura também a teoria e instrumentalização do modo de produção fundamentou muitas práticas. Por exemplo, a necessidade histórica de uma classe no poder, a ditadura do proletariado (mais ou menos abandonada), a existência do partido único, tudo fundamentado nas características próprias do modo de produção que substituiria um outro de quem era diferente e contrário constituindo-se na negação da experiência histórica do desenvolvimento das sociedades que precederam o surgimento deste «novo modo de produção».

A falta de flexibilidade das análises das sociedades concretas levava a que o modelo de sociedade futura para todos os povos estivesse já traçado. O chamado modo de produção socialista ou de transição, seria a garantia de não proliferação da propriedade privada, da concorrência, da livre iniciativa, formas associadas à exploração do homem pelo homem, e por fim, a garantia do futuro radioso.

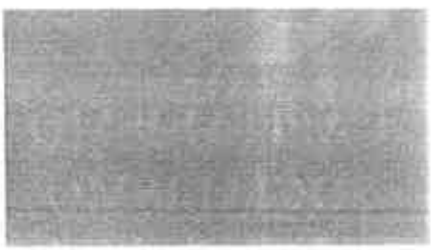
À luz do modo de produção, o que são as sociedades de Leste?

Penso que não estão muito longe de serem sociedades industriais, a maior parte das vezes atrasadas, com sistemas políticos em ruptura, sociedades em crise... O conceito também aqui não ajuda nada. Aquelas sociedades estão de passagem de um modo de produção a outro? Qual? Não será mais razoável pensar que cada uma delas fará sua própria síntese respeitando as suas particularidades? Seria correcto, por exemplo, identificar as transformações na Roménia com as transformações na URSS? As situações concretas da Polónia ou da RDA podem ser tratadas como a mesma coisa?

Uma outra questão que foi aqui levemente tocada e que eu penso merecia discussão é a que está ligada à transformação em dogma de verdades que poderiam ser válidas para alguma sociedade particular e que passaram a ser «bandeira de luta» para a esquerda do mundo inteiro. Fosse em África ou América Latina as regras do jogo eram as mesmas e as aspirações no que toca a organização social e organização política deveriam ser as mesmas. A própria Perestroika, a meu ver, vai conduzir, obriga que assim seja, a uma redefinição particular para cada sociedade particular e no futuro é que talvez se possa encontrar, identificar, elementos particulares comuns a estas sociedades; porque é evidente as sociedades cada vez estarão menos fechadas às influências umas das outras. Mas os rumos, parecidos ou diferentes que cada uma delas tomará será definido, ou deverá ser, pelos seus componentes internos. Se o sistema político será mais ou menos participativo, com número maior ou menor de partidos políticos, são determinações das histórias de cada povo ou conjunto de povos, das suas evoluções.

Dentre este conjunto vasto de ideias aqui expostas penso que seria interessante discutir se é possível o crescimento económico sem a concorrência. A experiência histórica dos países socialistas parece mostrar que a ausência de concorrência potenciou a burocratização da economia. A questão que lanço é: É possível alcançar o tão desejado desenvolvimento que conduza ao futuro radioso de igualdade, pela via da eliminação da concorrência? Eu pessoalmente penso que a concorrência traz graves perigos para a justiça social; principalmente se for deixada que se desenvolva sem interferências, de forma selvática, sem limitações. Mas, por outro lado, a ausência de concorrência e a ausência de liberdade para as iniciativas individuais bem como as consequências que daí decorrem a nível político tais como, imposição de partido único, ditadura de classe, não estimulam e, ao contrário, são sérios obstáculos ao desenvolvimento.

Estas práticas, a meu ver, são nocivas e não podem ser explicadas apenas como erros de um indivíduo em particular mas como consequência de uma concepção que, na história dos países socialistas do Leste europeu resultou, até certo ponto, mas depois os precipitou numa situação de crise. Crise de economia, crise da política, crise do Estado, crise da sociedade.



Dr. Rogério Roque Amaro:

Eu começaria por partir de uma constatação que é aliás do senso comum, que por ser tão senso comum acabamos por não a trabalhar muito, que é a das profundas mudanças que ocorrem nos nossos tempos. Tornou-se de facto uma frase tão utilizada que acabamos por ligar pouco ao seu significado.

É relativamente fácil enumerar um conjunto de aspectos que revestem essas mudanças, e, se fizermos o exercício que é considerar em conjunto esses aspectos, verificamos que os "terramotos" são muito mais complicados, muito mais terríveis e muito mais devastadores do que aquilo que nós pensávamos, e de tal maneira que os próprios conceitos, os paradigmas teóricos e as referências a que estávamos ligados se revelam muito mais frágeis do que aquilo que pensávamos.

Estou-me a referir a coisas como:

a) A própria ciência, a visão que temos dela e a transformação que estão a sofrer os paradigmas dominantes (no sentido da ciência do caos, do paradigma da complexidade e da teoria dos sistemas, por exemplo);

b) As mudanças tecnológicas, desde a microelectrónica aos micro-organismos, com implicações profundas nos nossos modos de vida, nas formas de produzir e nas concepções teóricas (o que é isso, por exemplo, da teoria do valor-trabalho, da luta de classes só com robots e micro-organismos e sem serem humanos?);

c) O problema do envelhecimento da população na Europa, pondo a questão da economia da distribuição, mais do que a economia da produção (como no passado), o que também vai abalar alguns dos nossos conceitos de base económica;

d) As mudanças geo-estratégicas, com os "terramotos" de Leste em primeiro plano, mas também com outras alterações, como a importância crescente do eixo do Pacífico na economia mundial (embora com muitos dados ainda por jogar), as novas relações de força e os novos (e velhos) protagonistas, os avanços e recuos na África, no Brasil, na China, no mundo islâmico, etc.;

e) Um quinto nível de mudanças que nós ainda não trabalhamos muito bem está relacionado com a investigação espacial e as suas implicações, quer em termos de novos materiais, quer em termos de formas de comunicação;

f) Aliás daqui resultam precisamente, daqui e de outros factores, mudanças ao nível das formas e dos ritmos de comunicação que fazem tender o tempo de comunicação para zero, indo implicar novas formas organizacionais e sociais;

g) Estas exigências vão ter implicações necessariamente nas formas de empresa e vão obrigar a uma concepção de empresa que já não é aquela que nós vivemos no capitalismo (como exemplo das mudanças organizacionais);

h) Vamos ter mudanças na chamada sociedade da informação, uma palavra de ordem também muito utilizada mas que ainda não escalpelizámos totalmente;

i) Uma outra que me é particularmente cara, que eu gosto particularmente de falar, é das formas territoriais: a meu ver vamos caminhar para uma territorialidade tipo-Lago (para utilizar uma imagem), construída e reconstruída à medida de diferentes estratégias e diferentes problemas que teremos pela frente, uma territorialidade flexível, ao contrário da territorialidade rígida (de base nacional) em que assentaram as economias nacionais e supranacionais em que nós fizemos a nossa reflexão teórica;

j) Vamos ter provavelmente, ou mais do que provavelmente, mudanças ao nível das formas políticas: por um lado vão no sentido de formas de representação política mais longínquas, mas, por outros de uma democracia mais participativa. Estou a referir-me obviamente à dupla tendência para formas de poder mais concentrado, mais centralizado, ao nível de formas supracionais, mas também à emergência do poder local e às entidades locais e regionais;

k) Vamos ter mudanças nas relações entre culturas, obrigando a olhar para as outras civilizações de uma forma nova;

l) Mudanças na perspectiva ecológica do nosso Mundo e uma nova (e obrigatória) consciência ambiental da Humanidade;

m) Necessidade de uma nova concepção e utilização do tempo (em particular do tempo livre).

Isto só para enumerar algumas das mudanças que atravessam actualmente a nossa sociedade e os horizontes do nosso futuro, definindo-lhe contornos e cenários inimagináveis até há bem pouco tempo.

Aliás o exercício interessante (e empolgante...) é o que consiste na reflexão em conjunto de todos estes aspectos, jogando com todas as suas variáveis e combinações, o que deveríamos todos tentar fazer um dia com calma.

Mas de tudo isto retiraria, para já, um

aspecto, voltando depois (numa terceira volta à mesa) a alguns destes pontos.

É interessante verificar que as alterações ocorridas nas sociedades de Leste, ao que parece, surpreenderam-nos a todos, inclusive, os próprios protagonistas principais (a este propósito é bom, nesta ocasião, realçar a importância de uma figura como Andropov, pois foi ele o verdadeiro iniciador da Perestroika, embora desaparecido precocemente).

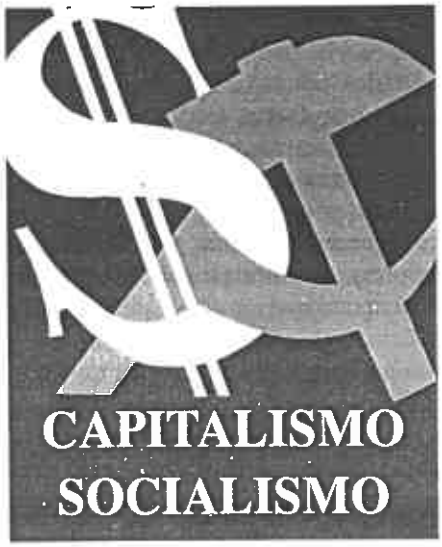
Ora esta surpresa que aquelas mudanças nos têm provocado (mesmo após o seu desencadeamento), a tal ponto que nos íamos desactualizando quase dia a dia ou até hora a hora, tem curiosamente um grande paralelismo com a surpresa provocada pela descoberta científica do caos e com a emergência da chamada (recente) ciência do caos, que está a conquistar um número crescente de cientistas (inclusive junto dos economistas) a exigir novas formas de observar e analisar a realidade.

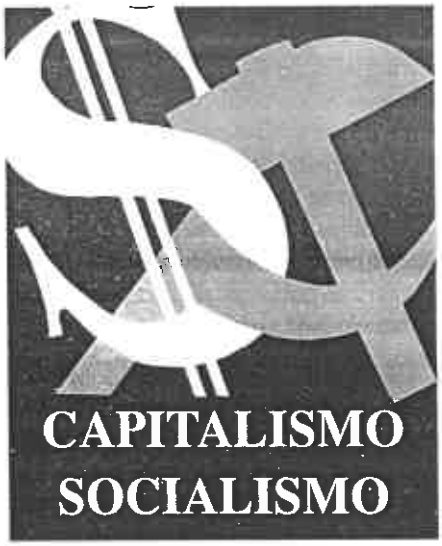
Temos pois necessidade de revisitar conceitos essenciais,que foram padrões teóricos de referência, e ousar revitalizá-los, modificá-los (ou até abandoná-los), o que não é fácil, sobretudo porque construímos convicções, militâncias e acções políticas nessas bases.

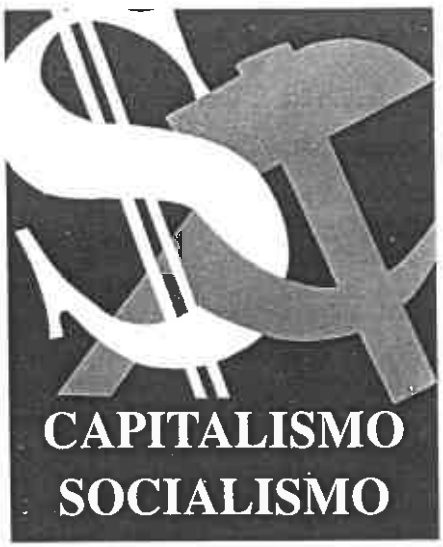
A este propósito, gostaria ainda de acrescentar algumas reflexões.

Em primeiro lugar, para deixar aqui algumas dúvidas sobre se o conceito fundamental para perceber o que se está a passar é o de "modo de produção" (como temos tendência a acreditar e a defender) ou um outro que poderá ter a ver com "modo de desenvolvimento". Nesse sentido, poderemos estar a assistir, não a um confronto entre modos de produção, mas sim à passagem para um novo modelo de sociedade, um novo modo de desenvolvimento, em que é a própria sociedade de tipo industrial e produtivista que está em falência, emergindo um outro tipo de sociedade, onde, por exemplo, a ideia do socialismo de Marx poderá ter finalmente uma base material mais propícia.

De facto, o socialismo tal como foi concebido por Marx (aliás, seria bom separar, nas análises de Marx, o que é a crítica do capitalismo, e aí não há grandes alterações a fazer à sua visão de uma época, do que é depois a sua concepção do socialismo), denota pelo menos, uma falha muito importante, visto agora à luz destas mudanças, nomeadamente dos desafios científicos, e que é a seguinte: a base material em que Marx raciocinava o socialismo não era possível de facto, conforme as teses sobre o socialismo que ele depois avançava, nomeadamente no que se refere à luta de classes, por uma razão, é que a sociedade sem classes pressupunha a abolição do produtivismo e do industrialismo, pressupunha por outro lado um salto qualitativo nessa base material que só agora é que está a ser possível.







Sendo um pouco provocador penso que nesta fase nós temos finalmente possibilidade de termos uma sociedade sem classes produtivas, ou, pelo menos, com outro tipo de classes. Poderemos de facto estar a encaminhar para uma sociedade da produção sem seres humanos, ou libertada em grande parte dos seres humanos, dedicando-se estes a outros tipos de actividades, que não estritamente produtivas (à maneira da era industrial) e, por isso, é que eu falo noutro modo de desenvolvimento.

Teremos finalmente a tal base material qualitativamente superior, do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista territorial que implica a tal flexibilidade de que há pouco falava, do ponto de vista das formas de comunicação, e informação e da demografia, que permitirá essa sociedade sem classes?

Um segundo ponto, que resulta do anterior é a constatação «à posteriori», o socialismo que foi posto em prática tinha de ser burocrático, porque era a única maneira de obviar à insuficiência da base material para experimentar e ensaiar a abolição da luta de classes, e daí portanto a necessidade da ditadura do proletariado, que não pôde esconder outras formas de lutas de classes.

Esta crise do socialismo não terá também a ver com essa efervescência de uma luta de classes que se foi de facto mantendo?

Portanto, na minha opinião, o socialismo concreto e a crise do socialismo tem de ser vista na medida em que o socialismo concreto não pode ser separado de duas coisas.

Primeiro, foi um socialismo vivido numa era produtivista e industrialista da qual não se libertou, e como não se libertou, neste momento constata que não consegue sobreviver sem pagar alguma factura ao produtivismo e ao industrialismo.

A propósito, cito duas referências de dois economistas soviéticos actuais que dizem claramente isso, e que aparentemente nos deixam um pouco desiludidos com o que se está a passar na União

Soviética, na medida em que parecem defender em certa medida o capitalismo.

A primeira citação é de Gravil Popov, economista e deputado soviético, numa declaração feita ao telejornal da televisão belga em 3 de Julho de 1989, em que dizia o seguinte: «Se o Homem obteve o direito de agir politicamente, ele deve também defender os seus interesses. E que interesses pode ter se não possuir nem terra, nem fábricas, nem lojas? Nesse caso ele só pode ter um interesse: destruir e recuperar».

A outra citação, também breve, é de Nikolai Chmeliov economista liberal que escreveu um livro com Vladimir Popov que se chama «Na Viragem – a perestroika económica» (ed. Novosti, Moscovo, 1989(e que diz o seguinte: «O nivelamento de salários e a estabilidade de emprego são causas da desmotivação e da passividade gerais. O subemprego atinge 2,5 a 3% da mão-de-obra potencial e há um excesso de 25% de pessoal nas empresas industriais. Libertar (ofocialmente) 10 a 12 milhões de trabalhadores é um objectivo daqui atá ao ano 2000 (porque)... o risco real de perder o trabalho (...) é uma excelente medicação contra a preguiça, o desregramento e a irresponsabilidade.»

São citações não são interpretações.

O que é que eu quero dizer com isto? Quer dizer que, de facto, esta não libertação do produtivismo e do industrialismo leva hoje alguns economistas soviéticos a terem de se render à causa da produtividade, porque é nessa lógica que eles têm de se encaixar e que os resultados económicos são medidos.

Esta é, portanto, a primeira prisão deste tipo de socialismo e que ter a ver com a sua crise, pois, sendo produtivista e industrialista, tem de obviamente pagar a respectiva factura.

A segunda é que este socialismo concreto não viveu independentemente do capitalismo concreto porque as relações estabeleceram-se sob as mais diversas formas via mercado, por exemplo, via trocas, via importações e exportações, via formas de publicidade, via Terceiro Mundo, etc.

De facto, as relações entre capitalismo e socialismo não foram poucas, e portanto as transformações geradas no capitalismo e a crise do capitalismo de que falaremos no segundo ponto, obviamente teriam de se repercurtir nos países socialistas.

Daí que eu diga que o que está em crise não é o socialismo nem o capitalismo, é o modo de desenvolvimento produtivista e industrialista que está em mudança, modelo esse que se iniciou com a revolução industrial e com a revolução francesa e que, portanto, tem a ver com uma certa forma de produção baseada na indústria, com uma certa forma política baseada na democracia parlamentar mas que de facto está em transformação.

Por outro lado, é preciso reconhecer que este socialismo concreto, que não é o socialismo concebido por Marx, apesar de tudo, contrapôs ao Homem-Indivíduo, o Homem-Colectivo e portanto deu-nos o sentido da solidariedade que vai ser um dado importante para uma herança para o futuro.

Aliás, o conceito de solidariedade vai deixar de ser um valor ético para passar a ser um princípio científico. (Ver teoria dos sistemas e paradigma da complexidade).

Faltou, no entanto, ao socialismo o Homem-Ambiente e é esta tríade do Homem-Indivíduo, Colectivo e Ambiente que eu julgo comporá o círculo do futuro de forma solidária.

Só para terminar, sublinharia que a crise do socialismo, para mim, tem a ver com esta crise mais geral do modo de desenvolvimento, de um modelo de sociedade que se iniciou com a Revolução Industrial e com a Revolução Francesa e que agora está em crise global, sendo certo que o capitalismo concreto parece ter gerado mudanças que permitirão mais facilmente a sua transformação enquanto que o socialismo está a tentar «apanhar o comboio».

Não estou portanto muito de acordo com a primeira intervenção quando se dizia que, na União Soviética, estaríamos numa fase de aperfeiçoamento do socialismo, pois, se é daquele socialismo concreto, não estou de acordo, se é do socialismo da nova base material a cuja configuração poderemos estar a assistir, aí sim, mas é uma ruptura muito maior do que aquilo que nós pensaríamos à primeira vista.

Dr. Mário Murteira:

A primeira questão eu respondo sem qualquer espécie de dúvidas: o chamado socialismo real na Europa não pode ser considerado como uma sociedade de transição, em direcção a qualquer fim da história, mas é um modo de produção com características próprias, que se pode chamar burocrático ou estatal e que hoje está em profunda crise. Talvez a palavra crise não reproduza bem a realidade, está em desagregação, em desmoranamento e sem qualquer hipótese, julgo eu, de recomposição. O que me parece talvez ter em conta, é que isso significa além do mais o termo de uma tentativa de manter relativamente protegido, com uma lógica própria, uma parte da economia mundial, em relação ao chamado mercado mundial.

A experiência da União Soviética, foi a determinante por várias razões. Era a tentativa de criar um sistema económico, com uma lógica distinta do capitalismo, portanto da economia mundial capitalista. Nesse sentido, o chamado, o autodesignado, porque o termo era o termo oficial, *sistema socialista mundial* ao falhar, é também o falhanço de uma tentativa de criar qualquer coisa distinta do mercado mundial. Portanto aquilo que inicialmente foi uma tentativa de desligamento, de separação está agora a ser um caminho de reinserção, portanto o falhanço, a ruina do sistema socialista mundial começa neste sentido um processo de reaproximação e reintegração no mercado mundial.

Eu aqui faço um esforço, que acho que todos nós devemos fazer, de distinguir aquilo que são os nossos desejos do que é o nosso dever de tentar interpretar a realidade com a objectividade possível. Dito isto, pode perguntar-se se a crise é uma necessidade histórica ou erro dos protagonistas. Talvez a questão não seja muito relevante, talvez o que interessa analisar seja ao fim ao cabo, quais as origens, e qual o sentido da trajectória que tem como ponto nevrálgico aquilo que se chama a Perestróika.

Também não tenho dúvidas, o que não quer dizer que não esteja enganado, apoio-me em afirmações de economistas e intelectuais soviéticos. Não tenho dúvidas que a origem da Perestróika é essencialmente a consciência de uma problemática

económica específica. Portanto o que está na origem da Perestróika é a consciência cada vez mais clara de que o sistema económico soviético não poderia continuar a funcionar. Isso foi escrito e foi dito aqui em Portugal em conferências, designadamente por Abel Aganbeguian. A lógica portanto é muito simples: é preciso que o sistema económico se modifique, se torne mais eficiente e para isso é preciso fazer reformas políticas. Nós já fizemos várias tentativas, foi dito, de fazer reformas económicas sem mexer no sistema político e falharam. Portanto é preciso modificar as estruturas do poder para que o sistema económico possa orientar-se numa direcção que permita maior eficiência, e designadamente que permita até a integração no mercado mundial, em condições de flexibilidade, adaptação e absorção de progressos tecnológicos, etc. Portanto a Perestróika, julgo eu,surge fundamentalmente, depois de várias tentativas anteriores falhadas, de uma necessidade de uma reforma económica. No entanto, desencadeada a reforma política a Perestróika torna-se um movimento de destino imprevisível. O que também é normalmente reconhecido é que de uma maneira geral na União Soviética tanto quanto é possível saber, pelo menos em Moscovo, o cidadão médio não está nada feliz com os acontecimentos, a inquietação e a preocupação vão crescendo. A consciência que resulta disto, é que ao fim ao cabo, de certa maneira, pergunta-se porque é que se desencadeou o movimento, sem ter nenhuma referência clara sobre o destino que se pretende. A imagem (estafada) do aprendiz de feiticeiro aplica-se a uma situação deste tipo. Desencadeia-se um mecanismo sobre o qual não se tem nenhuma espécie de controle e nem sequer se tem a possibilidade de ter uma ideia muito clara de qual é o destino que se pretende atingir. Aqui eu passo para um segundo ponto que me parece relevante.

A experiência da União Soviética, do Marxismo/Leninismo, aqui como ideologia oficial de um sistema, pretendia fundamentar-se numa teoria científica da história, o materialismo histórico. Por ironia de tudo isto, exactamente o que faz falta agora em particular para essas sociedades é dispor de uma teoria da história, de uma interpretação do que se está a passar. Eu creio que têm sido muito raras, no meu conhecimento, as análises que têm sido feitas na União Soviética sobre o processo da Perestroika. Sei que no volume que foi agora editado em Portugal, numa tradução da edição da Editorial Avante, creio eu, cujo título é *Não há alternativa à Perestróika*, creio que o primeiro artigo que aí vem é da autoria de uma economista soviética que exactamente analisa a Perestróica da maneira que me parece mais correcta: saber quais são os grupos sociais que estão em confronto, quais são os interesses respectivos e até que ponto é que são favoráveis à Perestróika e porquê. Ao fim ao cabo o que nos faz falta é uma teoria, não sei se pode dizer "luta de classes", mas uma teoria do conflito social desencadeado pela Perestróica. É isso que faz falta e é isso julgo eu que nos permitiria ter alguma resposta clara sobre qual o destino que está na trajectória que foi inaugurada pela chamada Perestróika. A Perestróika é um aperfeiçoamento. É um aperfeiçoamento no sentido em que corresponde a uma etapa que era necessária, porque o sistema soviético, de facto estava tão flagrantemente desactualizado e desadaptado incapaz de corresponder às solicitações da conjuntura histórica que era necessário substituí-lo por outro. E a Perestróika permite que essa substituição seja possível mas não está segura, de maneira nenhuma. Queria dizer finalmente que a questão que se pode colocar é a seguinte: se a minha análise é correcta, portanto se a Perestróica não tem destino previsível nem sequer em termos de pontaria, em termos de algo desejável, e se por outro lado o que aconteceu no sistema soviético foi essencialmente o falhanço de uma tentativa de separação do mercado mundial e se está de facto em curso uma reinserção no mercado mundial, então coloca-se a questão: o que é que capitalismo hoje vai fazer daquele sistema económico e daqueles países? Isto é, esta reinserção, esta reintegração no mercado mundial dentro da sua lógica que vai fazer destas economias e destas sociedades? É evidente também que aqui há uma coisa que é um facto novo, inesperado: até aqui há umas décadas, até à 10 anos mesmo, fazia sentido reflectir sobre o sistema socialista mundial no seu conjunto, com o significado que a expressão oficialmente tinha na União Soviética, nos países satélites, etc. Mas agora já não faz e os destinos não são necessariamente os mesmos. O destino da União Soviética não há necessidade nenhuma histórica que me leve a concluir que deva ser o mesmo da RDA, é flagrante que não, ou da Polónia, da Hungria ou da Roménia, portanto há uma série de trajectórias que foram agora iniciadas e que podem ter evidentemente percursos e destinos distintos. Se eu pergunto o que é que o capitalismo vai fazer disto, evidentemente que não nego a possibilidade de algumas, ou todas destas sociedades terem movimentos próprios com um certo grau de endógeneidade que absorvem o capitalismo de formas próprias, inclusivamente com elementos de correcção que nós poderemos considerar de natureza socialista.

Dr. Carlos Bastien

– As intervenções do Octávio Teixeira e do António Mendonça sugerem-me uma observação adicional e que se relaciona com o que designaria, para facilitar, de condições de possibilidade do socialismo.

Há poucos dias relia eu um excerto da correspondência de Engels, concretamente uma troca de cartas entre este autor e o russo Tkaschev, em 1874, onde este último tentava convencer Engels que a Rússia era um país maduro para a revolução, pois, segundo ele, aí quase não existia burguesia, quase não existia proletariado, tudo dependia do Estado e essas circunstâncias facilitavam o virar do povo directamente contra o Estado e consequentemente a conquista do poder político. Na resposta, Engels concordava com o russo mas acrescentava qualquer coisa como isto: «revolução sim, mas não chame a isso socialismo».

Esta resposta não deixou de me recolocar a questão de entender até que ponto a ideia de que se poderia partir, no início do século XX, num quadro de um capitalismo atrasado e dependente, directamente para o socialismo, é compatível com as formulações marxistas originárias que tendiam a apresentar a possibilidade, ou até a necessidade, do socialismo a partir da própria socialização dos processos de trabalho só alcançável pelo capitalismo desenvolvido, e não pela variedade de capitalismo que então existia na Rússia.

Também admito que os textos clássicos marxistas estão permeados por uma certa ambiguidade, por um certo oscilar entre uma visão que faz depender a possibilidade do socialismo de condições estruturais resultantes da maturação do capitalismo e uma visão que acentua as possibilidades de intervenção voluntarista dos homens (e dos partidos) tendentes a superar pela dedicação revolucionária o que falta em termos de condições materiais objectivas. Creio, aliás, que a ideia da existência de dois tipos de interpretação do marxismo, ou de «dois marxismos», para retomar uma expressão introduzida por Korsch nos anos 20, é aceitável e entendo mesmo o leninismo como o desenvolvimento, nas condições concretas do Império Russo, dessa vertente subjectivista e voluntarista do marxismo original. Pessoalmente creio que essa interpretação, historicamente possível, como se viu, levou a resultados consideravelmente diversos dos que se pode admitir que Marx e Engels haviam imaginado, e até dos que os próprios protagonistas da revolução soviética imaginaram, e não foi certamente a única vez que ao longo da história da humanidade se chegou a resultados assaz diferentes daqueles que a ideologia em nome da qual se trabalhava preconizava.

Dr. Sérgio Ribeiro

– Para além de ter um benefício muito grande de ser o último a falar, isso também tem um inconveniente. É que a vontade seria comentar, mas vou fazer um esforço para não cair nessa tentação.

Tenho uma outra dificuldade, a de pegar neste primeiro tema sem de vez em quando entrar pelo segundo, porque me parece que esta divisão, se metodologicamente é aceitável, pode levar-nos a um pecado original, um vício de partida que é este: ver esta crise do socialismo sem ver como é que ela acontece ou ocorre num quadro mais largo, em que o capitalismo também existe em crise ou não. E até que ponto é que esta crise do socialismo é um processo intrínseco ou é um processo que, tendo características intrínsecas, tem muitas características que são também provocadas por uma situação que tem a ver com a *luta de classes*, que não deixou de existir, mesmo na interpretação mais redutora, a partir da altura em que países romperam com o modo de produção anterior. Enquanto esse modo de produção anterior existir e tiver formas, e são formas imperialistas, é evidente que a luta de classes continua a existir e faz um cerco ao que é a construção ou a tentativa de construção do socialismo real. E aqui eu punha dois níveis de referência: um nível de referência é aquele que eu diria *conceptual e ideológico*, e o outro nível de referência é o nível de referência *real*, como se concretizou aquilo que seria correspondente ao nível conceptual e ideológico. Penso que, neste ponto número um, quando falamos na crise do socialismo, é a crise do socialismo que costumamos chamar o socialismo real, aquilo que se realizou na Europa ao longo destes anos, desde 17 e depois desde a segunda guerra mundial. A partir daqui, penso que, fazendo a articulação entre os dois níveis, deveríamos procurar, e é esse esforço que eu faço, ver o segundo nível de referência como experiência para o primeiro, e julgar este nível de referência real a partir do nível de referência ideológico. Por isso, quando a pergunta se põe sobre o socialismo na Europa, *sociedade de transição ou modo de produção demarcado*, o socialismo como nível de referência conceptual, dentro do meu quadro conceptual, só pode ser sociedade de transição. Aquilo que aconteceu na prática, foi isso ou não o foi a partir desse critério de avaliação. Se não foi, se não foi uma sociedade de transição, alguma coisa esteve mal na aplicação real do que era um modelo conceptual.

A partir daqui, não resisto a ir buscar uma questão colocada antes: a questão do *modo de produção*. Porque, quando falamos de modo de produção, e ele aparece como um conceito redutor, algo está mal. Estou de acordo que a partir de Marx é que o conceito se foi elaborando, com formulações algumas redutoras e outras não. Penso que quem leu o modo de produção em Estaline – e por aí se ficou – ficará com este conceito de uma forma extremamente redutora, mas quem, por exemplo, o procurou conhecer e aprofundar a partir de Lange já terá uma posição bastante diferente, e julgo que isto até se vê com a observação que foi aqui feita quanto ao binómio relações de produção/forças produtivas. Depois, terse dito que aquilo que se passa na *Perestroika*, pelo facto de tocar na organização do Estado, põe em causa o modo de produção merece mais reflexão.

Tal como eu tenho este «edifício» construído conceptualmente, a organização

do Estado decorre, mas não automaticamente, do modo como se define o modo de produção, e tem a ver com a *formação social* no seu todo. Poderá não se tocar nas relações de produção, e organizá-las diferentemente a nível de Estado, assim não alterando o modo de produção. Este é o quadro em que posso dar respostas concretas às perguntas.

Quando se põe a alternativa *socialismo ou modo de produção burocrático*, direi que em alguns aspectos houve realização do socialismo, mas não houve com suficiente força para impedir que fosse também uma burocratização do modo de produção, assim se negando o que era a construção do socialismo como transição.

A crise, necessidade histórica ou erro dos seus protagonistas? A crise será erro dos seus protagonistas na medida em que não se concretizou o socialismo como sociedade de transição, será uma necessidade histórica de um modo de produção demarcado e burocratizado.

Penso que seria muito importante, em relação a esta abordagem, ter presente, à luz daquilo que é o já referido primeiro nível de referência conceptual e ideológico, em que é o socialismo real mais claramente não concretizou esse referencial conceptual. Já foi aqui sublinhado o facto de se ter anulado o conceito ou a ideia de *contradições*. As contradições existem no socialismo como referencial ideológico, foram esquecidas no socialismo real. As *relações monetárias mercantis* não estão apagadas, ou penso que não deverão estar, no socialismo como referencial ideológico, e foram apagadas no socialismo real. Os *interesses sociais e de grupos*, não identificados como interesses contraditórios e de classe, por esta identificação falsa e redutora foram anulados. A *participação* está ligada ao aspecto político de democracia, mas a participação foi considerada como qualquer coisa que viria depois e por acréscimo, quando é intrínseca ao socialismo como referencial ideológico. A forma como cada um assume e tem retribuído o seu *esforço para o trabalho colectivo*, que é completamente diferente do igualitarismo, que é completamente diferente do obreirismo, foi fórmula mal aplicada no socialismo real, e considero que devemos, em relação a este tipo de questões, ter uma leitura que não seja ela redutora.

Em relação à *Perestroika* estou muito mais voltado para considerar que a *Perestroika*, no início, procurou ser um aperfeiçoamento e um aprofundamento do socialismo real como concretização do socialismo construção conceptual e ideológica, mas à medida que o procurou ser foi encontrando dificuldades cada vez maiores, dificuldades que, tanto quanto eu penso, não o retiraram daquele seu objectivo inicial. No entanto, essas dificuldades crescentes resultam do conjunto de deturpadas, de erradas, de viciadas realizações do que deveria ser uma sociedade de transição. Termino como comecei. Penso que este quadro de crise do socialismo é impossível de ser analisado com correcção se não se ligar aquilo que foi e é a esse socialismo real. e não esquecer que desde 17 até ao tempo que estamos a viver houve toda uma adequação que tem muito a ver – e que corresponde também – a uma realização de luta de classes. Passaria já para o ponto número dois e terminaria com uma pergunta. *O capitalismo ganhou*, é pergunta que se põe no número dois, e eu iria recupará-la para o final deste número um: *será que o socialismo perdeu?* Se perdeu, em que luta? Em que batalha é que foi? Portanto, não podemos ver a crise do capitalismo, sem a considerar nos termos desta batalha, desta luta de classes.

WASHINGTON

LÉNINE

Bem, acabamos a primeira volta.

Todos intervieram e avançaram as suas ideias e argumentos em relação aos tópicos apresentados, questionando a *crise do socialismo* e o seu futuro. No conjunto são análises que permitirão uma visão global sobre a natureza e poder relativo do socialismo como mensagem, ideologia e sistema.

Vamos iniciar agora a segunda parte deste debate, relativamente ao *Capitalismo Contemporâneo*, sobre cujos tópicos agradecia que se pronunciassem com a mesma sagacidade, objectividade e independência com que abordaram os tópicos anteriores.

Pensamos que as interrogações que a seguir formulamos, poderão permitir respostas suficientemente esclarecedoras tanto sobre a saúde do capitalismo como as perspectivas que oferece.

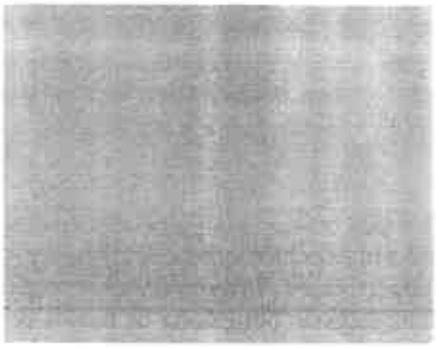
O capitalismo ganhou? Estamos no fim da história? A «crise geral do capitalismo». Como entender hoje esta tese de décadas? A dinâmica capitalista actual. Um Capitalismo Monopolista de Estado? Um capitalismo transnacional? Uma economia global (de que tipo)?

Dr. Octávio Teixeira

– Gostaria de deixar bem claras duas ideias em relação ao que referi anteriormente.

Em primeiro lugar, a questão da caracterização das sociedades dos países do leste europeu como sociedades de transição ou como modos de produção demarcados. Sou da opinião de que se trata de sociedades de transição, na perspectiva conceptual, como referiu o Sérgio Ribeiro, de transição do modo de produção capitalista para o modo de produção socialista. E como sociedades de transição elas não eram, manifestamente, sociedades socialistas. Isto é, não tenho dúvidas de que os resultados atingidos com as experiências históricas desses países não podem confundir-se com o modo de produção socialista.

A segunda questão tem a ver com a existência das relações monetário-mercantis no modo de produção socialista. O modo de produção socialista que nos é apresentado pelos clássicos reporta-se à «fase madura» ou etapa superior do desenvolvimento da sociedade socialista. Nessa fase última (utópica ou não, não o vou agora discutir), quando o trabalho se transforma na principal necessidade do Homem e a mercadoria dá lugar ao produto, diz-nos a teoria que deixará de haver relações mercantis. Mas durante as fases da construção do socialismo, através de avanços e etapas sucessivas não delimitadas no tempo, nada na doutrina leva à exclusão das relações monetário-mercantis. Antes pelo contrário, o que resulta da teoria é que enquanto houver produção mercantil – que não é, como se sabe, uma categoria específica do modo de produção capitalista – tais relações terão de existir e, por consequência, terá de haver o mercado e terão de ser exercitados os seus mecanismos. Aliás, Lenine elaborou profundamente sobre essa matéria, a propósito da «Nova Política Económica» (NEP) no início dos anos vinte. E julgo desnecessário mostrar que a consideração do mercado nas sociedades socialistas nada tem a ver com a chamada economia de mercado.



Dr. António Mendonça

– Eu gostava, também, de fazer dois ou três comentários, um pouco avulsos, que me foram suscitados pelas diversas intervenções e que se relacionam com a questão dos modos de produção e com a teoria dos modos de produção.

Penso que é difícil, senão mesmo impossível, encontrar em Marx uma teoria completa, acabada, dos modos de produção.

Por volta de 1857, quando começava a ganhar corpo o projecto de investigação económica que viria a dar *O Capital*, Marx tinha a intenção de preceder o estudo da economia capitalista, propriamente dita, de um estudo sobre, e cito de memória, as «determinações que, pelo seu grau de abstracção se aplicam a todos os tipos de sociedades», o que pode ser interpretado como o desejo de elaborar uma teoria geral dos modos de produção. Esta intenção, tanto quanto eu sei, nunca chegou a concretizar-se e foi mesmo posta de lado, no projecto de elaboração de O Capital. A coisa mais aproximada de uma teoria geral dos modos de produção que nós encontramos na obra de Marx está, talvez, no prefácio *Contribuição para a Crítica da Economia Política*, escrito em 1859, considerado, por todos os especialistas, como uma verdadeira

síntese do materialismo histórico. É um prefácio importantíssimo e que mereceria, só por si, uma reflexão à luz do que está a acontecer, neste momento, no mundo. Lá pode encontrar-se a ideia de qual é a força determinante das transformações sociais, da substituição de um modo de produção por outro. Lá se afirma que uma organização social nunca dá lugar a outra antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter e, ainda, que nunca relações de produção novas e superiores se substituem às antigas antes que as condições materiais de produção destas novas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade.

Se concretizarmos esta ideia para as transformações socialistas, nas sociedades capitalistas, o socialismo decorreria, digamos assim, de um desenvolvimento do capitalismo, de uma incapacidade, a partir de um determinado momento, de as relações de produção capitalistas continuarem a permitir o desenvolvimento das forças produtivas, ou pelo menos a um ritmo tão rápido quanto seria possível pelas condições materiais existentes.

Ao lado desta posição, digamos objectivista, existe uma outra que tende a sobrestimar o papel da luta de classes como motor das transformações, a colocar o acento tónico no voluntarismo, uma posição que eu designaria de subjectivista. A meu ver, esta não é a posição de Marx, embora aqui e acolá, neste ou naquele escrito mais exaltado e menos teórico, se possa ir buscar algum fundamento para a sustentar. Se nós pegarmos no *Capital*, que é a obra monumental de Marx, quase não encontramos a luta de classes, nesta perspectiva, e no prefácio à primeira edição Marx não se coibe de dizer que mesmo quando uma sociedade chega à descoberta da pista da lei natural que preside ao seu desenvolvimento (o que poderia ser o caso com o aparecimento de *O Capital*) ela não pode ultrapassar de um salto nem abolir por decreto as fases do seu desenvolvimento natural. Poderá, quando muito, e ainda segundo as palavras de Marx, abreviar o período de gestação ou minorar os males do seu nascimento. No *Capital*, Marx preocupa-se com as contradições objectivas, com a base económica que produz o movimento social. Eu penso que houve um certo exagero na forma como a luta de classes foi apreciada como motor da transformação das sociedades. Existirão, assim, duas leituras de Marx: uma leitura objectivista, que põe a ênfase no desenvolvimento das forças produtivas como força motora das transformações sociais e uma leitura subjectivista, que sobrevaloriza o papel da luta de classes e, em consequência, o papel e a acção dos indivíduos, o papel do partido de vanguarda, etc. Eu penso que, de algum modo, aquilo que se está a passar a Leste, traduz, também, a crise desta interpretação subjectivista de Marx, de que seria possível pelo voluntarismo construir uma nova sociedade, que era simultaneamente a materialização de um ideal. Penso que é, também, esta ideia que está em crise. Construiram-se, sem dúvida, novas sociedades mas todas elas, em maior ou menor grau foram vítimas do «pecado original», das condições materiais objectivas que enformaram a primeira tentativa de construção do socialismo e que acabaram, em larga medida, por permitir o desenvolvimento de todos os erros de que hoje se fala. Note-se que com isto não estou a ilibar as pessoas, os responsáveis políticos, dos erros cometidos, quando não atrocidades. Não há aqui qualquer fatalidade. As coisas correram assim, mas podiam ter corrido de outro modo. O que teria acontecido se em vez do Staline, tivesse sido o Trotsky ou o Buckarine a suceder a Lenine? Podia ter sido melhor, podia ter sido pior, por certo teria sido diferente. As condições materiais objectivas determinam um leque de possibilidades de desenvolvimento mas a concretização de uma destas possibilidades depende de muitos factores, muitos deles acidentais.

Karl Marx

Ainda em relação a esta questão dos modos de produção, eu penso que é alheia à teoria de Marx qualquer ideia de uma sucessão obrigatória de modos de produção. Marx é extremamente cauteloso em relação a isto; ele fala da existência de formas diversas de produção e de organização social, introduz o conceito de modo de produção asiático, lança a ideia de que são possíveis várias formas de transição da sociedade sem classes para a sociedade de classes e eu penso que, dentro desta linha de pensamento, é possível conceber várias formas de transição da sociedade de classes para uma hipotética sociedade sem classes no futuro. Houve uma determinada via que foi tentada mas, para mim nada obriga a que aquela tenha que ser a única. Esta ideia do leque de possibilidades de transformação social, do leque de possibilidades de transformação do próprio socialismo é uma ideia a recuperar. Eu penso que são possíveis vários caminhos, várias vias de transformação progressista da sociedade.

Outra questão que eu queria pegar é a do marxismo-leninismo: saber se faz sentido falar de marxismo-leninismo, se o marxismo-leninismo faliu, se sobra o marxismo, se é possível separar o marxismo do leninismo ou vice-versa, etc. A ideia que eu tenho é que se pode separar, pode-se unir, pode-se opôr, várias são as interpretações possíveis. A ideia de um marxismo «puro», a ideia de uma doutrina marxista «oficial» que servisse de referencial para tudo, com os seus guardiões de pureza, isso acabou. É tão legítimo reivindicar-se do marxismo-leninismo, como do marxismo ou, simplesmente, do leninismo. Penso que o leninismo, ou o marxismo-leninismo é uma via possível de desenvolvimento do marxismo, mas não é a única via, nem será *a via* marxista. Tudo é hoje mais rico e complexo e existem várias possibilidades de desenvolvimento do marxismo, nos vários domínios científicos e, em particular, na ciência política, que não têm de passar pelo leninismo, o que não significa que este tenha de ser deitado para o caixote do lixo. Muitas das suas análises continuam a ter validade. Agora, o que eu penso é que o Lenine, pelo menos se tivermos em conta a sua obra económica, que é a que eu conheço melhor, terá sido menos geral que o Marx, é mais datado, mais circunstancial, mais ligado à sociedade concreta em que viveu e ao facto de ter sido um revolucionário; um indivíduo com uma capacidade política extraordinária, mas menos geral, no sentido em que muitas das suas análises se mostraram mais vulneráveis às transformações do tempo.

Drª Elivan Ribeiro

– Permitam-me utilizar uma expressão popular para sintetizar minha ideia sobre a questão colocada de saber se estamos no «fim da história»; até porque quero ser breve. Como diz o povo, «a procissão ainda vai no átrio», o que quer dizer que «muita água ainda vai rolar»...

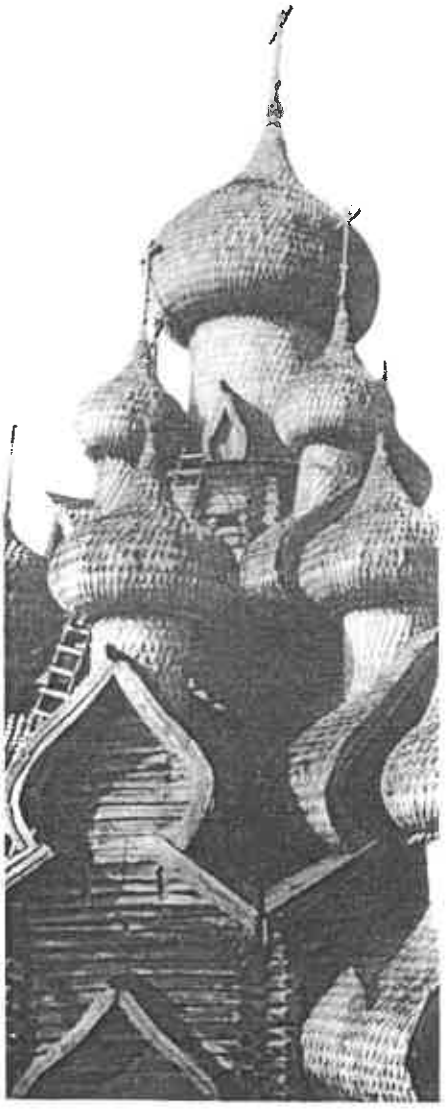
O capitalismo ganhou (?), perdeu (?), antes de tudo eu queria colocar a lógica, pelo menos a lógica que habitualmente nos era apresentada; porque falar vagamente que o capitalismo ganhou ou perdeu para o socialismo é muito difícil e seria até incorrecto. Como disse o Professor Mário Murteira, «o socialismo, se calhar, nunca existiu»!

A lógica que existia era uma lógica de blocos. De um lado se encontrava o bloco dos países capitalistas, desenvolvidos que constituiam a base material do imperialismo, e do outro, um bloco constituído pelos países socialistas, os chamados países do Leste, mais a classe operária mundial e os países do Terceiro Mundo. ou subdesenvolvidos ou em via de desenvolvimento, não importa aqui a designação desde que se compreenda que dentro da mesma lógica, eram países que estavam em «luta pela sua emancipação nacional».

Estes dois blocos de facto tinham um jogo e esse jogo era interpretado por cada um dos blocos à sua maneira, embora objectivamente se tratasse de uma concorrência para demonstrar a superioridade do sistema que conseguisse maiores índices de bem-estar para as suas populações, maiores efeitos na conquista espacial, maiores êxitos nas descobertas científicas, maiores prodígios na organização social e aperfeiçoamento dos homens.

Neste jogo, durante décadas, os países socialistas conseguiram de facto índices de crescimento e de bem-estar muito elevados. O socialismo real apareceu para o mundo dos bem-intensionados como a grande saída para os problemas da humanidade. Hoje, observando o percurso da evolução destes países é que se pode ter uma dimensão mais correcta dos prós e dos contras do sistema. Claro que quando se parte de uma situação de muito atraso, quando o povo tem fome e começa a comer pão, é um grande avanço. Sobretudo no caso da URSS, como sabemos nascida de uma Rússia muito atrasada industrial, económica, cultural e socialmente, a construção do socialismo representou um enorme passo em frente. A electrificação, sempre apontada como vitória por Estaline, foi sem dúvida uma batalha ganha; a alfabetização, a industrialização e as consequentes melhoras do padrão de consumo das pessoas foram vitórias mesmo.

A concorrência também era feita através de uma «corrida armamentista», justificada pelos dois blocos como política defensiva. Quando falo dos dois blocos estou a referir, na lógica destas análises, aos países que ocupavam lugar central em cada um dos sistemas em confronto. De um lado os Estados Unidos que simbolizavam, digamos assim, a força hegemónica do imperialismo mundial e, do outro, a URSS que ocupava lugar central e hegemónico no movimento constituído pelos países socialistas, pelo movimento comunista internacional como «representantes únicos e legítimos da classe operária mundial» e os terceiros países, os que lutavam pela independência nacional. Quanto a estes últimos países, havia não explicitamente, por parte dos EUA e da URSS, uma disputa de influências. Chegou a ser elaborada uma tese de que não haveria hipótese de desenvolvimento possível para estes países dentro dos marcos do sistema capitalista; o que era o mesmo que afirmar que as antigas colónias, uma vez libertando-se do colonialismo somente atingiriam o desenvolvimento se assumissem uma via socialista.



Dentro deste enquadramento é que eu penso, não propriamente que o capitalismo ganhou mas que nesse jogo, com estas regras, o socialismo liderado pela URSS, sofreu uma derrota. O próprio jogo foi mal escolhido. Até mesmo nas conquistas espaciais que durante algum tempo a União Soviética parecia estar na vanguarda e apesar de ter transformado a economia numa economia voltada para o armamento e o grande desenvolvimento que deu ao sector militar, o sistema, pelo menos na versão do modelo que foi construído, perdeu. Perdeu em todos os aspectos. Perdeu também em relação às colónias visto que depois de independentes jurídica e politicamente, nas ex-colónias onde se tentou a via socialista o «modelo» não funcionou; pelo menos os resultados não foram satisfatórios, nada animadores: parece que nós podemos dizer que perdeu; «não a guerra mas a Batalha»... quer dizer, isto já é um desejo, uma esperança, porque também o outro lado não é nenhum «mar de rosas»... Embora não se situe entre os que acreditam que o capitalismo tenha entrado numa crise geral para a qual já não existem saídas nos marcos do sistema. Não constato a crise geral nem considero científica a teoria da crise geral do capitalismo. É um mito. Sua divulgação vem de muito longe e um dos seus principais teóricos foi o soviético Draguilev. Esta teoria vem na continuação da teoria do imperialismo formulada em parte por Lenine e como tal teve o respeito e a aceitação de quase todo o movimento comunista internacional que a transformou também em «bandeira de luta».

Segundo esta perspectiva teórica o capitalismo a nível mundial teria entrado na sua fase final identificada como a crise geral do capitalismo e que tinha como traços característicos o seguinte: o surgimento de um modelo alternativo de sistema, o sistema socialista, com a passagem da existência do socialismo real da esfera restrita de um único país para a esfera real de um conjunto de países, ou

seja, sua transformação em sistema mundial; a desagregação do sistema colonial; a militarização da economia, entre outros.

O surgimento do socialismo real na URSS representaria uma primeira ruptura do sistema capitalista, antes dominante e hegemónico a nível mundial. A transformação do sistema socialista em sistema mundial juntamente com a independência das ex-colónias eram apontados como evidências da desagregação do sistema. A crise geral mais tarde veio a ser interpretada, se não estou em erro, entre outros, por E. Varga como uma crise com diferentes fases. Sucessivas fases ou etapas iam-se acrescentando com o passar do tempo visto que não se deu aquilo que de acordo com a teoria estava-se à espera: a bancarrota do capitalismo.

Este desenvolvimento teórico que veio na pista, ou no rastro da Teoria do Imperialismo de Lenine, como referi, não tem as virtudes destas as de uma profunda síntese de um período histórico determinado e tem o defeito de pretender-se uma teoria global, única e derradeira para prognosticar a marcha das sociedades humanas, todas, por um único caminho para o futuro radioso do comunismo.

Dr. Roque Amaro

– Três notas em relação a estas três últimas intervenções.

Peço desculpa de, sendo economista, ir buscar à Biologia e às ciências exactas o meu comentário, mas é de propósito, porque penso que mais uma vez nós temos de rever algumas das nossas referências teóricas.

A primeira é relativa ao caos e à desordem.

Eu penso que, quer a Revolução Soviética de 1917, quer as alterações agora a Leste, inserem-se precisamente numa lógica de caos.

A interpretação mais clássica das condições necessárias para fazer brotar o socialismo não nos levaria a pensar que ele aconteceria na Rússia, apesar desta última intervenção do Carlos Bastien que se refere a uma citação sobre isso. De qualquer maneira, o socialismo emergeria no momento do esgotamento das capacidades do capitalismo.

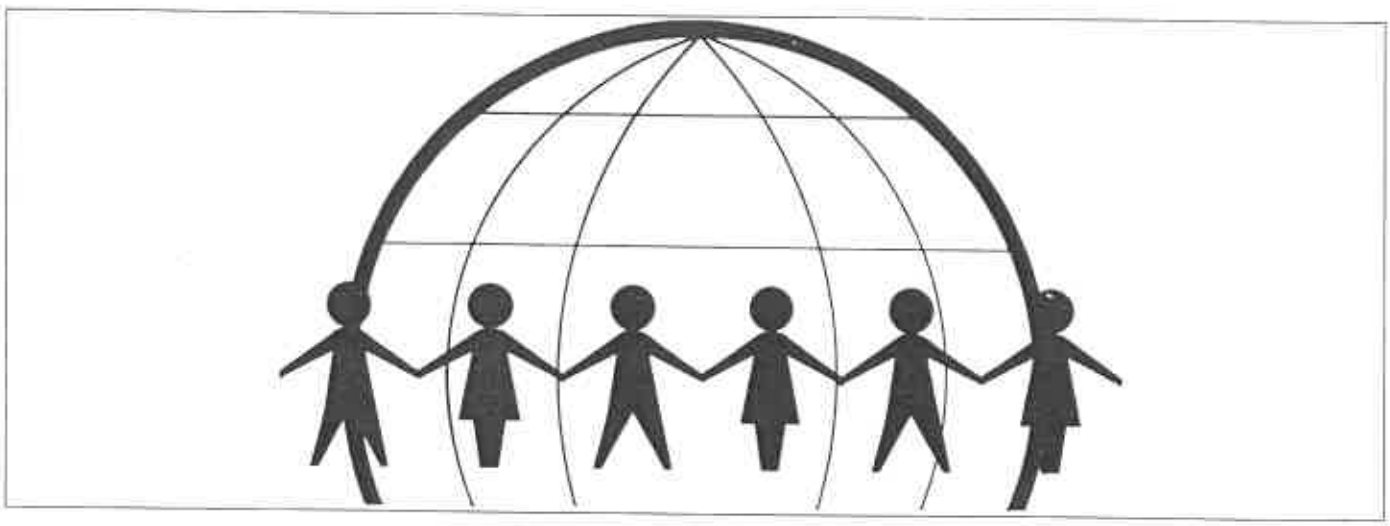
O caso da Revolução Soviética parece ir exactamente em contraposição com isto, o que quer dizer que a ideia das regularidades económicas que conduziriam ao seu esgotamento, a um novo tipo de sociedade, neste caso a um novo modo de produção encontra hoje, ainda não na economia mas vindo das ciências exactas, nomeadamente da Biologia e das ciências da Mecânica e da Física, algumas oposições, porque de facto aquilo que nós normalmente pensaríamos que seriam as regularidades, serão porventura factores de caos e de desordem.

A mesma coisa se passou actualmente com o Leste: nós não estaríamos à espera dessas alterações e, portanto, há aqui um movimento de desordem numa situação de aparente regularidade (e estabilidade), provocado por acontecimentos que nós não sabemos ainda ler completamente e que fazem com que estejamos perplexos perante as teorias, em que deveríamos assentar as nossas análises.

A segunda nota tem a ver com a perspectiva sistémica dos novos paradigmas científicos e também da análise económica, e com o facto de não ser possível, e reforçando aquilo que o Sérgio Ribeiro dizia há pouco, desligar as alterações de Leste das mudanças (a crise...) ... a Oeste, porque numa perspectiva sistémica, não é possível desligar as duas coisas, tanto mais que se trata de dois modos de produção inseridos, no fundo, na mesma base da sociedade (industrialista e produtivista), ou seja, no mesmo modo de desenvolvimento. Não sei se o conceito de modo de desenvolvimento é pertinente ou não, não o cheguei a trabalhar, mas qualquer coisa que tenha a ver com isso.

O terceiro comentário que eu queria fazer é o seguinte: tem a ver com a intervenção de há pouco do Octávio Teixeira, que dizia que o mercado e a concorrência não tinham desaparecido na fase de transição. Eu julgo que provavelmente não tinham de desaparecer, mas já me parece evidente que, não desaparecendo, não poderiam permitir o socialismo, uma vez que precisamente tinham de coexistir com o modo de produção capitalista, e que este era muito mais forte em relação a estes dois factores. Ora, é óbvio, em contacto com o conjunto dos países socialistas, iria necessariamente afectá-los e provocar a sua crise, o que, mais uma vez, tem a ver com a questão sistémica, mas é para dizer que aquela intervenção não me parece responder completamente à questão.

O mercado e a concorrência, a terem de existir, impediriam o encaminhamento para o socialismo, dentro da sociedade de transição. A menos que o socialismo fosse imune às influências externas.



Dr. Mário Murteira

– Começo por reflectir sobre a questão de saber se *capitalismo,* entre aspas, ganhou, a que se junta a pergunta de saber se o *socialismo,* entre aspas, perdeu. É evidente que esta questão não tem de maneira nenhuma, a mesma clareza que perguntar se o Benfica ou o Sporting ganharam, pela simples razão de que o Benfica e o Sporting são perfeitamente identificáveis mesmo para quem não perceba de futebol, têm determinadas cores nas camisolas e aqui a situação é um bocado mais complexa. Talvez valha a pena, sem entrar em discussões académicas, pôr em questão o que é efectivamente o socialismo e o que se pode entender por capitalismo. Quanto ao socialismo, começo por dizer que num certo sentido o "socialismo perdeu", *porque não existe,* não existe como socialismo real e não existe também como força motora da História. Porquê? Porque ao fim ao cabo e pensando exactamente no projecto socialista que vem de Marx até hoje passando por muita gente, o socialismo como força histórica assentava em três coisas embora sempre sejam discutíveis afirmação deste tipo. Julgo que havia por um lado uma ideia relativamente clara sobre qual era o projecto de transformação que se visava, porque o socialismo pretendia chegar a um resultado qualquer. Havia outra coisa que se ligava a isto e que também era extremamente importante: uma identificação dos actores ou dos agentes que estavam a favor ou que estavam contra este projecto. O pensamente de Marx não teria tido a importância histórica que teve se não associasse o seu pensamento à luta de classes e a um determinado posicionamento dele face a essa luta de classes. Quem são os actores, quem é que está contra e quem é que está a favor do projecto? Também me parece que não existe hoje uma ideia muito clara sobre isso. A terceira coisa que é igualmente importante é que o socialismo também assentava numa determinada metodologia da interpretação do real, que se pretendia científica. Dá-me a impressão que hoje o socialismo está carecendo das três coisas. Não há um projecto bem definido de sociedade óptima, as classes como motoras da História também não são certamente as mesmas do séc. XIX. Então quem é que está a favor ou contra um determinado projecto de transformação?

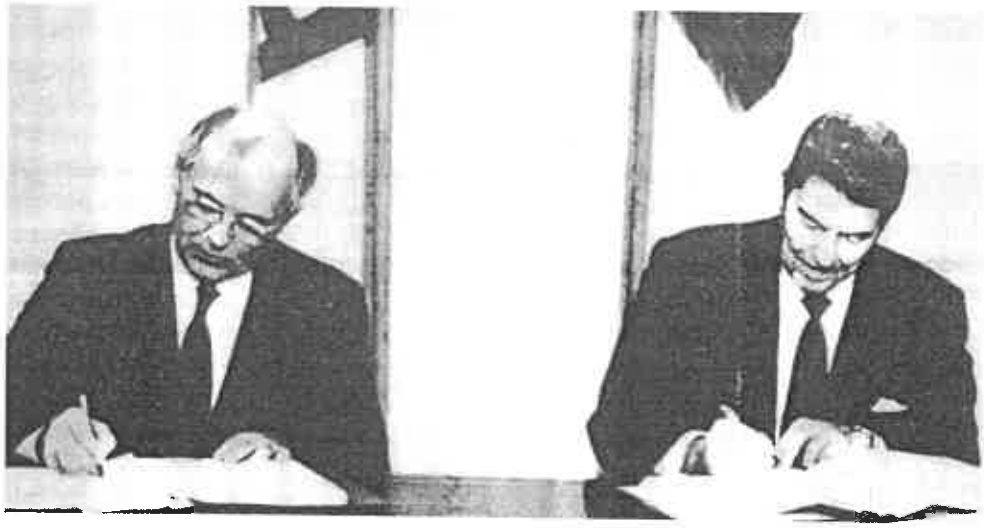
E em terceiro lugar também não há nada que substitua o materialismo histórico: como teoria da história podemos criticá-lo, mas não temos outra coisa para pôr no seu lugar. Há pois um sentido em que podemos falar de derrota do socialismo: no sentido *de que falta a categoria,* exactamente que nós estamos a pensar se ganhou ou perdeu. Nada disto significa que aquilo que está na origem de todo o movimento socialista não tenha ainda actualidade se estas questões não puderem ser respondidas. Um facto que me impressiona no meio disto tudo é que havia um determinado tipo de intelectual que pensava nestas coisas, e ao mesmo tempo se inseria na prática social e lutava por determinadas ideas.

Ainda nos anos 60 e mesmo no princípio dos 70, quem discutia o socialismo e quem falava no socialismo, em grande parte cometendo erros (mas isso é outra questão), mesmo até sendo professores universitários, estavam profundamente envolvidos numa militância política bem definida. Eu julgo que esta categoria histórica hoje é muito rara, e o que acontece é que o pensamento social, o pensamento sobre isto, tende a ser bastante académico, no mau sentido, algo no fundo tem como referência critérios que são diferentes da sua eficácia social e política. Parece-me que há aqui um certo vácuo, e o pensamento que eu encontro na Universidade, e não só cá, é extremamente pobre no sentido de servir como apoio de uma prática política determinada. Além do mais, havia também no materialismo histórico, certo ou errado, uma leitura da história e uma tentativa de fazer uma previsão histórica e creio que isso está definitivamente abandonado. Creio que hoje nenhum de nós pode ter qualquer veleidade de ter uma fundamentação séria, objectiva, para a previsão histórica. Cada um de nós terá os seus desejos, tomará o seu partido, desejará que aconteça isto ou aquilo, mas isso é outra coisa. Eu suponho que é muito importante ter consciência de que vivemos numa sociedade que muda muito rapidamente, que é de facto imprevisível e que ainda por cima sofre grandes movimentos de curto prazo que têm a ver com conjunturas ideológicas de moda, digamos assim. Eu digo isto porquê? Porque ainda não há muito tempo, em meados dos anos 70, se anuncia que há uma profunda crise estrutural do capitalismo.

Há muita gente que nessa altura escreve seriamente convencido que o capitalismo estava nas vizinhanças, da sua crise final, numa perturbação muito profunda. E afinal o que é que nós encontramos agora no final da década dos 80, princípio dos 90? É um discurso perfeitamente triunfante, convicto de que efectivamente a economia de mercado está para durar. Quando se fala do fim da história, julgo que muitas vezes é com o convencimento de que o mercado triunfou e que isto vai ser sempre assim. Nesse sentido creio que se passou a uma fase do *capitalismo utópico,* fala-se do mercado como uma utopia, como uma referência um pouco metafísica, mas isso alimenta todo um discurso. O que eu queria dizer é que fazer ressuscitar o socialismo tem exigências muito claras que remetem para aqueles três níveis que eu referi; é o *projecto.* a *identificação dos actores* e é *a metodolia de análise do real.*

O "capitalismo ganhou", e o que é o capitalismo? Aqui acho que também vale a pena uma certa referência porque eu tenho a impressão de que aí por volta dos anos 60, alguém poderia dizer e com razão que o socialismo tinha ganho, não no sentido de Marx, mas no sentido de Schumpeter. O socialismo tinha ganho porque aparentemente a social-democracia tinha ganho, o capitalismo estava de facto bastante transformado pela democracia, por uma certa intervenção do Estado, por um certo tipo de política económica e nesse sentido alguns poderíam dizer: os sociais-democratas e o seu socialismo tinham triunfado. E nós verificamos hoje que a social-democracia também não está, com muito boa saúde até como projecto político. Portanto, quando nós discutimos se o socialismo triunfou ou não, inevitavelmente também temos que discutir qual é a natureza do capitalismo. Na realidade o capitalismo em termos de evolução histórica tem tido metamorfoses profundas: o capitalismo dos anos 90 não é o capitalismo dos anos 70, dos anos 50 ou dos anos 30, primeiro ponto. Segundo ponto, o capitalismo está nos Estados Unidos como está na Suécia, como está na Guiné Bissau, como está em Moçambique, como está em Portugal e parece-me que não é exactamente a mesma coisa. Portanto, parece que o capitalismo é *essencialmente um processo,* o capitalismo não é nada de estático, é um processo histórico, é um processo de mudança e por isso alguém pode dizer, com razão, que o capitalismo desemboca em várias for-

mas de transição, que no entanto, nós dificilmente podemos prever. Ao fim e ao cabo, a questão posta assim aplica-se para a Europa do Leste, vamos entrar num certo tipo de capitalismo não necessariamente com elementos que são específicos. E já agora eu evoco aqui, porque é fascinante e deve também interessar a muita gente, a categoria dos tais países que alguns chamam semi-periféricos e que outros novos países industrializados, onde se mete por exemplo a Coreia do Sul, Taiuan, Brasil, etc. E porquê? Porque falando no socialismo e no capitalismo vale a pena pensar nisso. E até o Japão. O que é o capitalismo jasponês? É muito parecido com o capitalismo dos Estados Unidos? Parece que não, parece que tem uma dimensão cultural completamente diferente e o tipo de organização social e os valores dessa sociedade são diferentes. Se pensarmos agora nos novos países industrializados, o que é que eles têm de novo? Têm pelo menos duas coisas: *primeiro* parece que eram países que estavam a determinada altura na periferia e que *dentro do sistema de alguma maneira subiram* e com moldes diferentes de evolução. Ainda por cima, em condições tais que dizer que aquilo foi fruto da economia de mercado é um grande heroísmo, porque esses países apresentam trajectórias muito próprias de combinações entre as empresas, o Estado, determinados grupos sociais, as formas armadas. Qual é a moral da história de tudo isto, que eu procuro tirar? É que de facto estamos numa conjuntura histórica extremamente incerta, rápida, em que a ideologia (no sentido mais amplo) ou seja, a nossa percepção a nível da consciência do que se passa. É precária, defeituosa e ainda por cima objecto de uma série de manipulações que têm a ver com a questão da moda. O apelo mais forte que se poderá aqui fazer talvez seja no sentido de, por um lado, ver o que é que resta daqueles elementos que deram força na História a certo socialismo, o que é possível reinventar em relação aqueles níveis que eu disse há pouco. E também a dimensão do intelectual no meio disto tudo. Um intelectual que está interessado e que quer agir, quer ter uma certa noção de praxis. Esta conjuntura que vivemos em que sentido é que aponta?



RELAÇÕES DE PAZ

Carlos Bastien

– Gostava de me reportar a um dos tópicos que nos foi proposto – a natureza do socialismo que veio sendo edificado ao longo do nosso século – e a partir de uma dupla referência.

A primeira delas é a teoria marxista dos modos de produção. Continuo a pensar que, não obstante as profundas transformações ocorridas nos últimos tempos na cena internacional e os próprios progressos das ciências sociais contemporâneas, o conjunto de princípios de intelegibilidade do social e muitos dos conceitos que compõem o materialismo histórico mantêm virtualidades e permanecem úteis para pensar a estruturação e a dinâmica do mundo de hoje, designadamente da sua componente socialista (ou ex-socialista, não se sabe ainda bem).

Uma segunda referência a partir da qual gostaria de reflectir um pouco reside nalgumas tomadas de posição política e teórica de um personagem que julgo central em tudo o que se relaciona com o socialismo actual: Gorbatchov. Não me refiro aqui ao seu livro sobre a Perestroika que correu mundo e onde se evidenciava já uma crítica de muitos dos aspectos do «socialismo real», mas refiro-me sobretudo ao discurso que proferiu quando das comemorações do aniversário da revolução soviética no passado mês de Novembro, e que foi aliás objecto de diversas traduções entre nós. O que me interessou nesse discurso, e sobretudo o que me parece relevante neste momento do nosso debate, é o facto de aí se proceder a uma avaliação da experiência socialista soviética mediante um expresso apelo à tradição teórica marxista, mediante um recurso a categorias teóricas marxistas na caracterização dos problemas, das dificuldades e das hesitações quanto às vias de evolução daquele sistema social. Permito-me destacar nesse discurso duas passagens que me parecem particularmente relevantes. Uma é quando se sugere que Lenine se enganou ao supor que na sequência de uma revolução tendente a liquidar o capitalismo se sucederia necessária e imediatamente o socialismo – «devemos repensar também a tese de lenine de que entre o capitalismo monopolista e o socialismo propriamente dito não existem fases intermédias» –; a outra é quando se diz literalmente: «o sistema económico e

político de carácter burocrático e centralizado funcionava segundo leis próprias». Julgo que estas duas afirmações – e outras que aqui não se reproduzem mas que constam igualmente do discurso de Gorbatchov – autorizam a ideia de que o marxismo entendido enquanto filosofia da história, isto é, como um sistema interpretativo que pressupõe a referência a uma marcha ascendente e linear da humanidade através dos cinco modos de produção está, se é que não estava já antes, liquidado.

Ninguém pode hoje ainda prognosticar com certeza o modo como a actual crise das sociedades que experimentaram o «o socialismo real» vai evoluir e há, creio, um leque de possibilidades que compreende a hipótese de reversão, ou pelo menos de constituição, de um capitalismo mais ou menos periférico nesses territórios, como há a possibilidade de uma renovação do socialismo mediante a instituição de novas formas de regulação, ou até, embora me pareça pouco provável, um certo regresso a formas autoritárias, eventualmente sob a forma de ditaduras militares. Em qualquer caso, o desfecho desta crise histórica depende das vicissitudes da luta de classes nessas sociedades e à escala mundial, pois a infra-estrutura material que caracteriza essas sociedades tanto é em princípio compatível, ou susceptível de evolução, quer para formas sociais capitalistas, quer socialistas ou para-socialistas, quer ainda para formas burocráticas mais ou menos renovadas.

É aliás nesta última hipótese que gostaria de pegar, isto é, a definição da própria natureza da sociedade soviética construída ao longo de décadas. Quero notar que quando Gorbatchov afirma que se trata de um «sistema económico e político de carácter burocrático e centralizado funcionando segundo leis próprias» está aberto o terreno para que se ponha a questão de se saber se o socialismo era mesmo socialismo ou se não se traduziu em mais que a edificação de uma outra forma social, por ventura uma forma social dominada pelo que se poderá designar de modo de produção burocrático, e isto independentemente das declarações e até das intenções dos que protagonizaram esse mesmo processo. Em qualquer caso, quero ressalvar que embora o próprio Marx não tenha antevisto a emergência de um tal tipo de sociedade logo após a superação e a liquidação do capitalismo (tal como também não explorou a hipótese de se buscar o socialismo sob os escombros de um capitalismo dependente e atrasado), não é menos certo que o materialismo histórico dispõe de recursos analíticos para a construção do modelo teórico de tal (eventual) forma social.

Outro dado que reforça a minha convicção de que os próprios dirigentes soviéticos se interrogam crescentemente sobre se o «socialismo real» era mesmo socialismo, não advém só do facto de muitos se lhe referirem designando-o, por exemplo, de «socialismo distorsido», mas sobretudo do modo como definem o processo da Perestroika, qualificando-o de *revolução*. É que, em termos marxistas a expressão revolução pode significar substituição de um modo de produção dominante por outro modo de produção dominante. Muitos dos próprios sociólogos e ideólogos marxistas soviéticos actuais esforçam-se por identificar as classes e camadas de apoio da Perestroika bem como as classes e camadas que se lhe opõem, falando inclusivamente em devolução do poder ao povo, e a mudança da base social de apoio do poder de Estado indicia de facto a existência de um verdadeiro processo revolucionário.

Devo repetir que esse (eventual) modo de produção burocrático traduziu um progresso histórico objectivamente verificável (desenvolvimento das forças produtivas, conquistas sociais, etc.), representou um avanço relativamente ao bárbaro capitalismo russo do início do século, mas parece agora ter esgotado as suas potencialidade de desenvolvimento, entrando em tendencial e prolongada estagnação e ineficiência, pelo que também deste ponto de vista é uma verdadeira revolução que está na ordem do dia.

Dr. Sérgio Ribeiro

– Começaria, neste ponto dois, *o capitalismo contemporâneo*, por pegar daquela ponta que há pouco deixei. Quando nós falamos da crise do socialismo não podemos deixar de a ver em ligação, em articulação com o modo como evoluiu o socialismo real, e como evoluiu o capitalismo real, mais que o capitalismo contemporâneo o capitalismo na sua fase de transição. Aquilo que me parece dever dizer-se é que se, como há pouco o António Mendonça referia, da luta de classes poder haver uma leitura subjectivista ou voluntarista, penso que também deve haver uma leitura que seja objectiva. Há uma luta de interesses antagónicos, de classe, e essa luta é objectiva como luta de classes.

Penso que não podemos ver este contexto de crises sem nos localizarmos nas intervinculações entre os dois sistemas reais. A partir daqui poderia talvez dizer que, face ao que foi este processo e ao que, neste processo, encontramos agora como resultados, e não os temos todos, levar-nos-ia a dizer que em muitos aspectos o capitalismo ganhou. Mas ganhou o quê? Ganhou a luta de classes ou ganhou uma vantagem na luta de classes? E ganhou porquê? Porque jogou bem? Porque jogou com a força que tem? Ou porque, além disso, jogou também com os erros, com as deficiências, com todo o tipo de desvios a uma sociedade de transição, a uma concretização do socialismo tal como nós há pouco vimos e que identificámos, uns de uma maneira outros de outra.

A partir daqui, aquilo que nós poderíamos acrescentar, ou que eu acrescentaria, é que um dos erros do socialismo real foi ter subestimado a capacidade do capitalismo real em ultrapassar as suas próprias crises. Isto nos levaria a dizer que, tendo o capitalismo ganho, não estamos de modo nenhum no fim da história, e não estamos de modo nenhum numa situação em que o capitalismo tenha resolvido as suas crises. Ele ultrapassou as suas crises de uma maneira que, de acordo com o socialismo como referência conceptual ou ideológica, agravou as suas contradições, que vão desencadear crises que serão mais profundas, não obstante ter revelado também uma capacidade de superar que, de certo modo, foi uma surpresa a somar a outras surpresas.

Eu penso que essa surpresa não pode ser escamoteada. Quando nós falamos da crise geral do capitalismo como uma tese de décadas, é mais no sentido de que seria uma crise final do capitalismo, porque penso que em crise geral estamos há décadas, embora não estejamos numa crise final que decorreria *desta* etapa da crise geral. Existe uma dinâmica capitalista actual, penso que uma das questões que teríamos que ver, é como é que essa dinâmica se pode também referenciar quer conceptualmente quer na prática e, a partir daí, esta expressão que está aqui colocada *capitalismo monopolista de Estado* é qualquer coisa que tem uma data, que é de certo modo datada, é de meados da década de 60, altura em que uma escola, que era uma escola marxista, definiu este conceito. Será que este conceito continua a ser adequado ao que é o capitalismo que entretanto se transnacionalizou da forma que nós encontramos na realidade, em que os monopólios passaram a ter uma dimensão que é uma dimensão fundamentalmente transnacional, e em que os Estados também se transnacionalizaram através de organizações que tendem a ser supraestatais, em que, em determinadas circunstâncias e em determinadas dinâmicas, se põe em causa a soberania do Estado para aparecerem formas de soberania que são supraestatais. Até que ponto é que nós não encontramos nesta uma expressão que deverá ser trabalhada, elaborada, deverá ser muito bem estudada. Como simples referência, falo nos trabalhos do Jacques Nagels, que desenham um *mecanismo único transnacional*. Em que medida é que o capitalismo, na sua actual dinâmica e na sua actual fase, está concretizando formas organizacionais, sem prejuízo na crise que continua, vai superando as suas próprias contradições, vai agravando as suas contradições, vai encontrando formas que, quer no sentido teórico, quer no sentido real, vão tendo uma cada vez maior dimensão espacial. Penso que esta questão é extremamente importante.

Em relação ao capitalismo, quando falamos do capitalismo na sua fase imperialista penso que não se terá esgotado esta noção de imperialismo, nem na fase colonial, nem na fase multinacional, nem na fase transnacional. Ora, julgo que importa considerar a articulação de grupos económicos transnacionais com Estados, o que tem expressão para além da soberania nacional e dos espaços em que se enquadram e os ultrapassam claramente. Isto deverá também levar-nos ao que consideramos ter a ver com a crise do socialismo real que confrontamos, quer com o capitalismo contemporâneo com a sua crise actual, quer também com uma perspectiva de fuga ao eurocentrismo. Isto é, ver se se consegue abordar situação fora do espaço europeu, e não podemos de modo nenhum dizer que estamos no fim da história, que o capitalismo ganhou, se pensarmos para além da Europa, se pensarmos em áreas africanas, em áreas da América Latina, em áreas do chamado Terceiro Mundo, onde aquilo que nós poderemos encontrar são expressões a não ignorar.

Por outro lado, se acho extremamente interessantes algumas das contribuições do Roque Amaro, até no sentido de nos trazer para a discussão dados que vêm de fora da economia, e que têm uma importância muito grande, penso que também é importante não nos deixarmos cair na tentação de caracterizar aquilo que é uma sociedade produtivista ou industrialista esquecendo que há zonas enormíssimas do mundo e populações enormíssimas do mundo muito longe de qualquer situação que se aproxime dessas.

Casa Branca e o Monumento a Washington

Finalmente, a última parte desta Mesa Redonda, com três grandes interrogações sobre o *futuro global*:
Convergência de sistemas?
Uma Nova Economia Global?
Uma nova periferia, mais «qualificada», à custa do desmoronar do socialismo?

Dr. António Mendonça

– Dar resposta às interrogações que são colocadas no ponto 2 implica aquilo que eu disse no início, a necessidade de uma redefinição dos conceitos de socialismo e de capitalismo. O que é hoje o socialismo? O que é hoje o capitalismo? E dizer se um ganhou e o outro perdeu é, de facto muito difícil, porque nós não podemos dizer que o socialismo perdeu se chegarmos à conclusão que o socialismo que existiu deixa muito a desejar em termos daquilo que era a sua ideia, ou que terá sido simplesmente outra coisa. Por outro lado, dizer que o capitalismo ganhou também se me afigura problemático, não apenas pelos argumentos que a Elivan já aqui referiu, basta olhar para as desigualdades a nível internacional, para as próprias assimetrias e injustiças mesmo no interior dos países ou das zonas mais desenvolvidas. Mas parece-me que aqui tem plena validade a intervenção que o Roque Amaro fez no sentido de chamar a atenção para as transformações que se estão a operar no mundo como um todo, e tanto a Leste como a Oeste, e que apontam para o nascimento de algo de novo, que não se sabe ainda muito bem o que é, mas cujos contornos começam a desenhar-se a partir das transformações que estão neste momento a ocorrer. Paradoxalmente, talvez os efeitos do chamado socialismo real tivessem sido mais positivos no ocidente do que dentro dele próprio. O que eu quero dizer com isto é o seguinte: em grande medida, as conquistas sociais no capitalismo, a luta pela paz, pelo desarmamento, a democracia política, o fim do sistema colonial, devem muito àquilo que se passou a Leste. Aliás não é de todo de excluir que a derrocada que lá se está a dar não possa ter consequências negativas em qualquer destes domínios. Até aqui havia dois polícias no mundo, agora parece haver só um, e vamos a ver até que ponto ao actuar sozinho não vai abusar da autoridade. É evidente que isto é uma hipótese extremamente pessimista, eu creio que as coisas não se encaminham neste sentido, apesar de toda a crise a União Soviética continua a ser uma potência militar e política internacional, hoje em dia já existem outros polícias ou, pelo menos, candidatos a tal, que introduzem outros elementos de equilíbrio e, o que é mais importante, a consciência das pessoas evoluiu muito em todo o mundo. O que eu queria salientar é que as transformações que se operaram nas sociedades capitalistas devem muito à existência do «socialismo real», a sua própria capacidade de integrar e amplificar os efeitos da revolução científica e tecnológica ficou a dever-se muito à concorrência entre os dois sistemas. O capitalismo de hoje é também um produto do «socialismo real» e, nesta perspectiva, continua um objecto aberto à teorização, o capitalismo de hoje não é o do século XIX, nem sequer o do início do século XX. Daí, portanto, a dificuldade em dar uma resposta clara sobre quem ganhou e quem perdeu. Preferia falar em termos de transformação global de sistemas ou de transformação global do sistema mundial.

Poderemos falar, no entanto, da derrota de um determinado sistema que ficou conhecido ou se auto-designou de «sistema socialista mundial» ou «socialismo real», no sentido em que ele se mostrou incapaz de acompanhar as transformações do mundo ou de ir ao encontro das aspirações populares. Agora, derrota da ideia de socialismo, penso que não. E não queria deixar de referir-me àquilo que o Prof. Murteira disse, há pouco, sobre a nossa condição de intelectuais, de académicos, etc. O simples facto de estarmos aqui reunidos, à volta da mesa, a fazer esta discussão, é, em certa medida, uma prova de que nós estamos interessados em participar, com os nossos saberes particulares, a nossa investigação, a nossa simples opinião, na construção de alguma coisa em termos de futuro. Quanto a mim, continuo a ser tão socialista ou tão comunista como era há 10 ou 15 anos atrás, o meu ideal de solidariedade, de justiça, de igualdade, não se perdeu, o que se terá modificado, foi o meu pensamento sobre a forma como esse ideal pode ser concretizado, hoje e, particularmente, no nosso país.

Hoje em dia temos de pensar o mundo, como um mundo transnacional, como um mundo de interdependências que não pode mais ser compreendido através da lógica redutora da confrontação entre o imperialismo e o socialismo. Isto prende-se com a questão, aqui colocada, da chamada «crise geral do capitalismo», durante décadas a tese «oficial» sobre a ineluctabilidade do processo de passagem do capitalismo ao socialismo. É uma tese, penso eu, que entrou em falência, pelo menos na sua forma convencional. A ideia de um processo de crise que se desenvolveria através de etapas sucessivas de aprofundamento e de um reforço concomitante do sistema socialista mundial, a ideia de desconexação do sistema capitalista mundial, a via não capitalista de desenvolvimento, etc., elas sim, são ideias que entraram claramente em crise e já não permitem compreender os processos contemporâneos. As coisas, hoje, têm de ser pensadas nas suas interdependências globais, existe um sistema económico global, com diferentes dinâmicas, a leste e a oeste, é certo, mas fora do qual é impensável sobreviver, por mais forte que seja o país em questão. É a partir desta realidade, que nem sequer é nova, diga-se de passagem, nova terá que ser a teorização, que o projecto socialista terá de ser pensado, tanto a oeste, como a leste; em certo sentido voltamos mesmo ao princípio. As transformações terão cada vez mais um carácter mundial, integrado e aqui reside a importância das diversas dinâmicas que forem introduzidas no sistema global. A possibilidade de construção do socialismo através da ruptura ou da desconexação em relação a este sistema económico global ou da junção a um outro é hoje mínima.

Quando a União Soviética segue a política de reforço das organizações internacionais, quando pretende aderir ao GATT, ao FMI, quando procura participar nas organizações europeias como o Concelho da Europa, a própria ideia de Casa Comum Europeia, é tudo sinais de abandono da lógica redutora do simples confronto de sistemas. Hoje em dia os problemas económicos já não podem ser resolvidos pelo simples desligamento do sistema capitalista, os problemas económicos têm um carácter global e é como tal que têm de ser resolvidos.

Drª Elivan Ribeiro

– Algumas palavras em relação à terceira questão, sobre a convergência de sistemas. Eu penso que a convergência de sistemas no sentido restrito não se está a verificar. A ideia desta teoria era a de que tanto pela via capitalista como pela via socialista chegar-se-ia a uma sociedade de bem-estar geral, igualitário, onde seria estranho a exploração. No sentido amplo e no longuíssimo prazo, talvez, por sermos todos humanos e por estarmos cada vez mais próximos do conhecimento e reco-nhecimento mútuo como tal, possamos pensar que cedo ou tarde a humanidade se organizará de uma forma superior às formas contemporâneas e viverá melhor.

Não penso que seja obrigatório que as formas futuras sejam iguais e nem sequer sinto a necessidade de fazer prognósticos sobre estas mesmas formas. O que penso é que hoje, o capitalismo está muito longe de ser modelo para estas sociedades futuras e que o socialismo mais longe ainda se encontra, por incrível que pareça. Reconheço este facto com tristeza mas esfor-ço-me para não confundir desejo com realidade. Penso que uma sociedade de bem-estar, sem exploração, sem classes somente poderá ser alcançada, se assim for, com a consecução de altíssimas produtividades onde no limite, a reprodução da vida material, dos bens materiais essenciais à vida, fosse garantido por processos automatizados e os homens pudessem dedicar-se às tarefas mais «nobres» como o desenvolvimento da ciência, da arte, de novas formas de actividades que certamente irão surgir e, neste sentido estamos muito longe desta situação onde a própria economia desapareceria enquanto tal. Nem o capitalismo e muito menos o socialismo reais,

dão-nos nenhum indício de que nos estamos a aproximar deste tipo de sociedade. Mesmo se considerarmos apenas as sociedades contemporâneas pós-industriais deixando de fora da análise os quase-esquecidos países do terceiro mundo, países de África, da América Latina e tantos mais que é como se tivessem deixado de existir, tão fora de moda está falar-se deles, embora neles vivam dois terços da população mundial e seja neles também onde os seres humanos conhecem as maiores misérias e privações.

É preciso voltar a reflectir sobre estes países embora eles não estejam em condições de ser ou fornecer as dinâmicas de desenvolvimento para o conjunto de toda a sociedade humana como estarão, talvez, os países industrializados. É preciso encontrar meios para libertar a generosidade, a solidariedade, o espírito de cooperação, estas qualidades humanas tão preciosas e necessárias para a consecução de uma vida melhor para toda a humanidade.

Dr. Sérgio Ribeiro

– Não me referi ao terceiro ponto porque fui o primeiro a falar do segundo, e estava a reservar-me para pedir para, por escrito, acrescentar às correcções que fizesse ao que saísse do gravador, o meu terceiro ponto. Em relação ao futuro global, nova economia global, nós estamos numa fase em que a **mundialização** da economia é realmente objectiva; passámos da fase da internacionalização para esta fase que podemos chamar mundialização no entanto, não prejudica que procuremos falar em termos de sistemas, em termos de dinâmicas, e eu continuo a considerar que existe nesta economia mundializada, não uma convergência de sistemas mas divergentes dinâmicas, e de uma forma talvez simplista parece-me possível identificar três dinâmicas.

Uma, seria a dinâmica dos países que concretizaram, ou que procuraram concretizar, aquilo que se chama o socialismo real, que se pode considerar que é uma dinâmica que neste momento está enfraquecida, que está com problemas, mas que não deixou de existir, enquanto a União Soviética existir como existe procurando, através da Perestróika, aperfeiçoar, aprofundar e corrigir, por uma via que é endógena, todo um conjunto de erros e de deturpações ao socialismo, que o socialismo real concretizou; dinâmica que prossegue inclusivamente, nos próprios países em que verificam transformações ao nível superestrutural, mas em que uma base material, com um determinado tipo de relações que é difícil de alterar de um momento para o outro, e que mantêm essa dinâmica, é, na verdade, uma dinâmica que está enfraquecida, mas a última sessão do CAME era para ser, segunda alguns, a cerimónia do seu passamento e não o foi, foi a sessão da sua continuidade, em condições completamente diferentes, mas da continuidade como expressão de uma dinâmica que, nessas condições diferentes, e necessariamente enfraquecida, procura novos caminhos.

Uma outra dinâmica seria a dinâmica do capitalismo, chamemos-lhe crescido, tecnológica e economicamente, e que está numa fase de superação, dinamismo, de, até, alguma euforia, mas que se concretiza num quadro mundializado, interdependente, de que é, neste momento, a força mais dinâmica, mas não é, de modo nenhum, a única força. Penso que não existe a possibilidade de dizer que a economia global e a economia mundializada é uma economia estritamente capitalista, como esta se definiria através de um referencial conceptual e ideológico.

Uma terceira dinâmica, que diria por nascer e muito dependente, é a dinâmica dos países do chamado Terceiro Mundo, extremamente dependente da dinâmica capitalista mas que tem características próprias muito irregulares, muito ténues, mas que eu talvez resumisse dizendo que é uma dinâmica **latente.** O problema da dívida externa, a situação social, a explosão demográfica, são especificidades dessa dinâmica e iria pegar numa citação que o Rogério Roque Amaro fez há pouco sobre a questão demográfica que, se muito importante nos países crescidos do capitalismo pelo envelhecimento, por outro lado é como se o seu reverso aparecesse nos países do chamado Terceiro Mundo, quer dizer, a explosão demográfica e a

sua juventude. Agora no ISE, a propósito de uma cadeira nova, que é de **recursos humanos,** fiz uma brincadeira muito séria que foi a de comparar pirâmides etárias. É uma coisa perfeitamente impressionante comparar a pirâmide etária de Cabo Verde com a pirâmide etária portuguesa, ora se fôssemos ver todos estes países, verificaríamos o que vai necessariamente determinar uma dinâmica que se terá que ter em conta nesta economia mundializada.

Quanto à **nova periferia mais qualificada à custa do desmoronar do socialismo,** penso que isto será um anti-desejo, na medida em que é uma procura daquela dinâmica que referi no estado de euforia, e que procurará concretizar através dos interesses que defende, através daquilo que é a sua fase de superação, e penso que aqui há aspectos que são extremamente interessantes e que esta maior qualificação representaria um alargamento daquilo que seria o seu exército de reserva para poder continuar a expandir-se. E não só. É muito importante do ponto de vista espacial, do ponto de vista territorial, da regionalização. Como é que o problema da Europa das regiões se enquadra na perspectiva das bases territoriais, e como estas se compatibilizam com a possibilidade de se estarem procurando reservas de força de trabalho qualificada onde se possa ir colher mais valia, mas onde as condições sociais já são outras?

Uma economia mundializada... mas num mundo em mudança e não de sentido único ou convergente.

Dr. Roque Amaro

– Esta última intervenção suscita uma série de reflexões bastante interessantes.

Eu já tinha preparado algumas reflexões e irei encaminhá-las, uma ou outra pelo menos, no sentido desta última intervenção, porque penso que é provocadora no bom sentido.

Por outro lado, ligaria as duas últimas questões, porque penso que não temos muito tempo.

A primeira ideia, e vou dar ideias um pouco avulsas, não organizadas é que o capitalismo aparenta, de facto, estar mais na vanguarda das mudanças que estão a ocorrer, e daí termos a sensação de que ganhou, mas eu não tenho tanta certeza. Eu não responderia que ganhou ou que não ganhou, como tentarei explicar.

Essa maior adaptação do capitalismo às mudanças actuais tem possivelmente a ver com o facto de a maior parte delas ter sido geradas dentro da sua lógica e inclusive estar a obrigar o chamado sistema socialista a adaptar-se a algumas dessas mudanças. Isso não quer, no entanto, dizer que ganhou, uma vez que se podem ter traduzido de facto em transformações por dentro do próprio capitalismo, em algo que poderá ser já um outro sistema histórico, como aliás há pouco referia. Poderá não ser já capitalismo ou então o capitalismo, na sua formulação actual, poderá apropriar essas mudanças e sofisticar-se, renovar-se, aprofundar-se.

Penso aliás que estamos nesta encruzilhada, entre, pelo menos, dois cenários de referência:

a) uma certa derrota do socialismo, com renovação e sofisticação do capitalismo, que não perderá as suas características essenciais contidas no conceito de «modo de produção capitalista»;

b) a transição para um novo tipo de sociedade, um outro sistema histórico, com a falência das versões produtivistas do «socialismo» e do «capitalismo».

Não me parece totalmente fundamentada a primeira interpretação, antes de mais pela razão há pouco apresentada pelo Professor Murteira (mas afinal que socialismo existiu? foi mesmo socialismo?), mas também porque as alterações verificadas no sistema capitalista são também externamente profundas (então, de que capitalismo estamos hoje a falar? poderemos ainda catalogá-lo da mesma maneira?).

Inclino-me portanto mais para a segunda interpretação, pelo menos tendencialmente, até porque as transformações dos nossos dias estão a fazer emergir novas bases de funcionamento e de referência para a sociedade, criando-lhe novos contornos e horizontes, que alteram radicalmente os anteriores.

Vou chamar aqui a atenção apenas para alguns desses aspectos, que já enunciei, de resto, na minha primeira intervenção, embora de forma breve.

Por exemplo: uma nova base tecnológica que, entre outras coisas, vai operar a substituição inteligente do ser humano no trabalho (e em alguns casos a sua erradicação total de algumas cadeias produtivas, não totalmente da produção mas pelo menos de algumas cadeias produtivas), por máquinas, robots e «bichinhos».

Com a robotização, a burotização e as «fábricas» e utilizando microrganismos, enzimas e bactérias, ou seja, as biotecnologias, que é uma coisa que nós não dominamos de todo mas que vai alterar radicalmente (ainda mais!) todo este processo, e as nossas concepções, teremos uma nova base tecnológica que altera de facto toda a sociedade.

Não é apenas um aprofundamento do sistema produtivo, tal como aconteceu com as mudanças tecnológicas das chamadas primeira e segunda revoluções industriais. É de facto uma nova base tecnológica que altera radicalmente o próprio conceito de trabalho, e a própria presença do ser humano no trabalho.

É nesse sentido que eu gostaria de chamar aqui a atenção para estes novos dados: não quer dizer, repito, que o ser humano vá desaparecer do trabalho, mas é claro que estamos aqui numa encruzilhada em que alguns dos nossos pilares vão mudar radicalmente, num sentido mais libertador ou não (o ser humano liberto do produtivismo ou escravizado pela máquina?).

Gostaria que ficasse bem claro que não me quero aqui situar ao nível do «desejo», mas de uma tentativa de leitura científica (em novas bases científicas) da História, recusando qualquer ideia de determinismo na sua evolução. Por isso, é importante falar em encruzilhada (ou até em encruzilhadas, no plural), perante a qual nós podemos (devemos) ser interventores num ou noutro sentido e daí a importância da nossa leitura da História.

Seja como for, parece-me que há aqui uma base tecnológica nova, que vai no sentido da substituição inteligente do ser humano e no sentido da existência de algumas fábricas e locais de produção sem seres humanos e, mais do que isso, tendo inclusive uma lógica biológica que não será assente no ser humano mas noutro tipo de seres vivos, no que diz respeito às bio-tecnologias.

Esta nova versão do capitalismo ou (mais provavelmente) este novo sistema, terá também uma nova base geo-estratégica, sobre a qual não vale a pena insistir muito: é o problema do Leste, do Pacífico, da África, do Brasil, do mundo Islâmico (de que não falámos e penso que é um aspecto importante, sobretudo se fugirmos de uma perspectiva meramente económica e analisarmos tudo isto segundo uma perspectiva integrada, política e cultural), etc.

Um pouco entre parêntesis, aproveito para chamar a atenção para o seguinte: a queda, a falência dos regimes socialistas «reais» tem uma consequência muito importante, que é a de, no Terceiro Mundo ter deixado de existir, uma referência ideológica de alternativa naquilo que era, para esses povos, uma luta pela independência, baseada no socialismo como parceiro e referência fundamental.

E agora? Qual é a referência ideológica?

Nesse contexto, o fundamentalismo islâmico parece surgir como uma das saídas dramáticas, em busca de uma referência religiosa ou outra, e pode tornar-se numa espécie de anti-cruzada e portanto num certo regresso da história anti-ocidental, o que é mais um dado na tal nova base geo-estratégica.

A nova base territorial é outro dos novos pilares que se vem tornando cada vez mais evidente (e não se trata de um desejo...).

Não é só a lógica transnacional, com uma tendência muito forte nos últimos tempos, com bases transnacionais muito fortes como as empresas transnacionais, o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial (como foi muito bem acrescentado), a Comissão Trilateral, que é uma coisa que nós conhecemos muito pouco e que tem nos últimos tempos desempenhado um papel fundamental, sobretudo no tempo da administração Carter, tendo agora voltado a ganhar, digamos, uma nova vida.

É também o capitalismo supranacional, ou seja a constituição de nações maiores, tentando prolongar as tendências de constituição de mercados formais cada vez mais alargados para criar uma unidade económica (quiçá política) mais alargada, mas mantendo uma ideia de uma geografia, coisa que não acontece com a transnacionalidade. É importante aliás assinalar que a transnacionalidade não se reduz à supranacionalidade.

Mas não é só isto, há que também ter em conta as lógicas infra-nacionais e locais, e eu insisto neste ponto exactamente na linha de uma referência final de há pouco.

Se é verdade que os países semi-periféricos parecem basear a sua produtividade numa base nacional, a verdade é que o capitalismo está a descobrir localizações ao nível infra-nacional extremamente importantes na conquista da sua competitividade e que se baseiam nos modos de vida, nas formas culturais claramente locais, havendo aqui portanto uma delimitação, uma territorialidade local, que explica por exemplo que em Portugal em relação ao mercado único nós vamos ter respostas completamente diferentes, conforme estivermos em Setúbal, na Marinha Grande ou em Braga.

Isto quer dizer que, a meu ver, a territorialidade, ou seja a base territorial do novo sistema ou do sistema renovado será não apenas a base transnacional mas uma combinação das bases anteriores, em que nenhuma se apagará, nem o Estado/Nação, na minha opinião, em que tudo isto estará em jogo e será este puzzle, que penso que será fundamentalmente determinado pela base transnacional, aí estou de acordo, mas sem apagar as outras bases, que constituirá aquilo que eu chamava há pouco a territorialidade-lego, ou de tipo flexível.

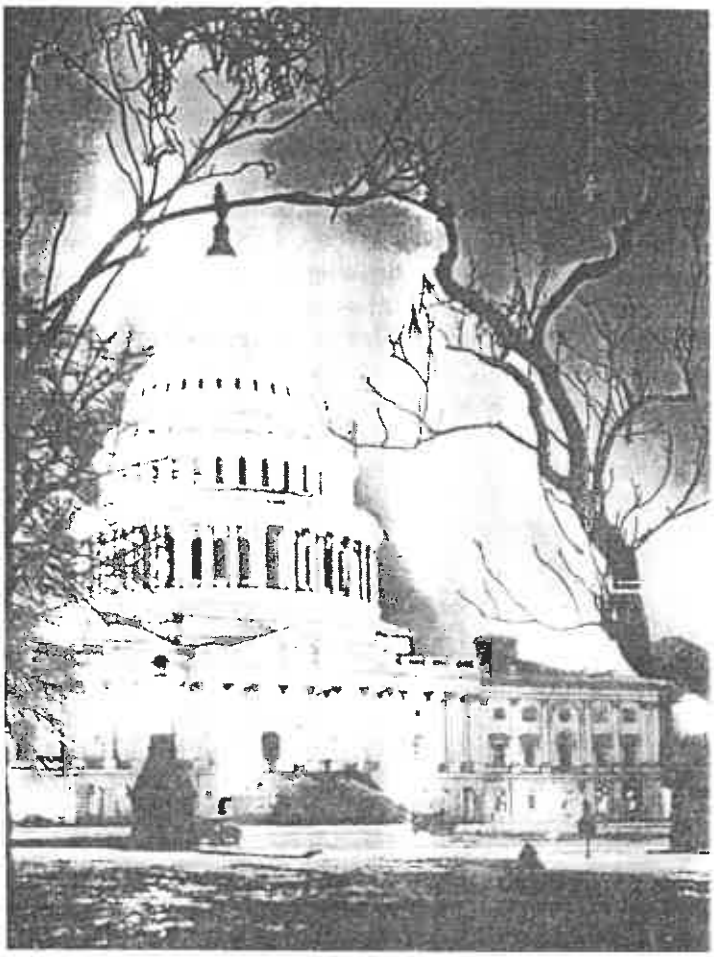
O capitalismo ou o novo sistema terá várias territorialidades e será flexível no espaço, isto quer dizer que a ideia de nacionalidade ou de transnacionalidade a que estávamos agarrados no sistema anterior já não se pode encarar dessa maneira, surgindo-nos antes uma territorialidade difusa, a exigir-nos uma reflexão profunda sobre os novos conceitos de referência.

Esta base territorial flexível pode criar uma situação, em que se jogue simultaneamente a globalidade e a particularidade, ou seja, em que sejamos simultaneamente cidadãos da aldeia global (de um novo sistema mundial, ou do sistema capitalista mundial renovado) e cidadãos diferenciados, das nossas lógicas particulares (nacionais e infra-nacionais) poderá haver aqui alguns factores que vão contra a tendência da homogeneização do capitalismo da fase anterior. Tenho pena de não poder desenvolver este tema, porque dito assim parece muito simplista, mas não há tempo para mais.

Quarto ponto: o novo sistema terá uma nova base demográfica, porque terá fundamentalmente gente da «fase do descanso» (na Europa, claro). Sobretudo a Europa e os Estados Unidos terão, no futuro, uma nova base demográfica, bastante envelhecida, em que o número dos que estão a descansar, dos que já trabalharam, obviamente será superior aos outros, aos que estão a trabalhar.

Isto alterará inevitavelmente o sistema, porque obrigará a centrá-lo na questão da distribuição e a economia da distribuição poderá ser mais importante que a economia da produção, sobretudo se articulamos esta questão com a nova base tecnológica.

Terá também uma nova base de comunicação, muito mais rápida, o que vai provavelmente obrigar a uma nova base empresarial, porque não vai ser possível manter as lógicas organizacionais anteriores e eu chamo a vossa atenção para as coisas que estão a acontecer nos países ditos mais «desenvolvidos», por exemplo na General Motors, na Volvo, na Mitsubishi, na Nissan, etc., com tentativas de novas formas empresariais, mais participadas (por exem-



Capitólio Nacional, Washington

plo no projecto Saturno, que é um projecto que é muito citado, ou no projecto Kalmar da Volvo), em que, por virtude das formas de comunicação e da base tecnológica, a base empresarial está a mudar radicalmente e a deixar de ser uma base empresarial hierarquizada, de tipo triangular, para passar a ser uma base empresarial flexível e portanto partilhada, mais horizontal e menos vertical.

Que tipo de capitalismo será este? Ou estaremos no limiar de um novo sistema? Ficam as interrogações e passo ao ponto seguinte.

Nós temos a concepção de capitalismo que tem a ver com várias coisas, tem a ver com a propriedade dos meios de produção, com a apropriação privada dos frutos dessa produção, com as relações de produção e de exploração, com a produção de valores de troca a partir de valores de uso com intervenção do capital, etc.

De tudo aquilo que eu disse vamos ter pelo menos as seguintes alterações:

a) A matéria-prima fundamental deixará de ser a matéria física para passar a ser a informação;

b) Segundo: a actividade humana mais importante passará a ser a produção, tratamento, selecção e divulgação e consumo de informação e não tanto de bens materiais. Isto tem a ver com a chamada (impropriamente) «terciarazação», coisa com que o marxismo teve sempre dificuldade em se relacionar, sobretudo se nós entrarmos em linha de conta que na terciarização está uma série de coisas que não têm nada a ver umas com as outras;

c) Terceiro: a fábrica e o escritório poderão não ter seres humanos (já chamei a atenção para isso;

d) Quarto: a sociedade poderá ser fundamentalmente de distribuição e consumo e não de produção;

e) Quinto: os seres humanos poderão finalmente estar vocacionados (e peço desculpa por estar aqui a meter coisas que o Prof. Agostinho da Silva também tem dito, mas é por acaso) para produzir valores de uso e não valores de troca;

f) Sexto: a questão fundamental penso que poderá ser a propriedade de informação e qualificação e não já a propriedade de capital;

g) Sétimo: as relações de produção poderão ceder à importância das relações de consumo, coisa também que o marxismo tem muita dificuldade em tratar;

h) Oitavo: a base territorial flexível;

Etc., etc.

Eu pergunto, no fim disto tudo, se serão mantidas as bases daquilo que nós consideramos ser capitalismo.

Resta saber se essas transformações vão mesmo ocorrer de uma forma tão forte como eu aqui deixei antever. (Nesse caso aonde é que está a apropriação do capital? Que entidade? Aonde é que estão os estilos que definem o capitalismo?)

Ulpiano Nascimento

Tenho estado a ouvi-los com a melhor atenção, mas nesta altura não resisto à tentação de meter o bedelho.

Do que aqui se disse, certamente coisas muito importantes, há uma, no entanto, que me parece central em toda esta questão do «capitalismo e socialismo», que diz respeito à génese dialéctica do comunismo, como sistema, ou melhor, em termos mais globalizantes, do socialismo/comunismo.

Como aparece esta ideia-projecto que bipolarizou o mundo ideologicamente nos tempos modernos?

O socialismo no essencial surgiu por necessidade de sobrevivência e de segurança do homem-trabalhador, do proletariado, frente às exigências exploradoras do capitalismo e da ordem imperante para, através daquele, poder resistir à exploração do homem pelo homem e alterar as relações de produção que alimentam, por sistema, a desumana e arbitrária formação de lucros e a desigual distribuição de rendimentos. E se assim é, o socialismo do nosso tempo é produto directo do capitalismo do nosso tempo também, tenha este a dimensão nacional, transnacional-imperial ou global-mundial. E se é um produto que nasceu e cresceu por oposição ao capitalismo, dialecticamente, o socialismo sobreviverá pelo menos enquanto aquele existir.

Mas porque é o contrário do socialismo, repetimos, parece lógico e naturalmente previsível que este, como solução alternativa, poderá, na viragem, no momento do esgotamento ou de cedência do capitalismo, ser projecto ideológico e sistémico que lhe suceda pelo seu humanismo, em que o ético, cultural e social são referências dominantes.

Dr. António Mendonça

– O Dr. Ulpiano Nascimento é responsável por eu ir roubar um pouco mais de tempo ao Octávio Teixeira. Penso que a ideia socialista não é só fruto do capitalismo, existe, praticamente, desde que o Homem é Homem, desde que ele assumiu consciência das injustiças para com outros homens; encontramos referências em pensadores gregos, o cristianismo é também uma mensagem socialista, temos todas as correntes designadas de utópicas, enfim, o socialismo é algo que transcende o capitalismo. Todavia, o capitalismo, com as suas contradições, com as injustiças que elas geraram e, sobretudo, com o desenvolvimento das forças produtivas que ele trouxe, criou um chão fértil para que a ideia de socialismo se desenvolvesse e, inclusive, viesse a ter uma base científica. Marx e Engels teorizaram o socialismo a partir da análise do capitalismo da época em que eles viveram. Mas, do mesmo modo que o capitalismo evoluiu, a ideia de socialismo e as formas e processos da sua concretização terão, também, tendência a evoluir, a desenvolverem-se; a desenvolverem-se em resultado do desenvolvimento das próprias sociedades capitalistas e, agora mais do que nunca, em resultado das experiências concretas dos países de Leste – as aspirações à igualdade, à solidariedade, as aspirações de justiça social, do Homem, hoje, não são, de forma alguma, as mesmas que eram no princípio do século, nem sequer as mesmas de 20 anos atrás; estas aspirações têm a ver, quer com o que já foi alcançado quer com o que é possível ao sistema dar, quer ainda com a consciência que o homem tem do seu papel na sociedade, isto, para além, evidentemente, de muitos outros factores – a desenvolverem-se em resultado do desenvolvimento da teorização, da reflexão científica sobre o social, a desenvolverem-se, ainda, em resultado das modificações que se operam permanentemente ao nível dos grupos sociais que são portadores do progresso e que determinam novas atitudes, novos comportamentos políticos, um novo modo de ver o futuro.

Hoje, a ideia e sobretudo o projecto de socialismo estão em crise. É um facto. Negá-lo, seria fazer como a avestruz... E, talvez, paradoxalmente, eles estejam mais em crise a Leste do que a Oeste. Não é só o Doutor Lucas Pires que diz que é mais difícil encontrar um livro de Marx na Hungria do que os Versículos Satânicos num país Islâmico; os contactos que eu tenho tido com cidadãos desses países, as imagens que nos chegam a toda a hora

pela televisão, levam-me a pensar que o anti-comunismo é neste momento maior no Leste do que no lado de cá, nos países capitalistas. Aliás, basta ver os resultados eleitorais, por exemplo, no caso da RDA onde, seja por motivos conjunturais ou não, o eleitorado escolheu os partidos mais à direita (embora ainda esteja para se ver o significado real de direita e esquerda nesses países e a reacção do eleitorado às políticas concretas dos governos), enquanto na RFA as perspectivas são de uma viragem à esquerda, em direcção ao SPD. Na Hungria, também se votou à direita, nos outros países vamos a ver. Podemos estar a caminhar para uma situação paradoxal que é a da esquerda ser mais forte no ocidente do que nos países do antigo «socialismo real».

Portanto, conjunturalmente ou não, existe de facto uma crise do projecto socialista, globalmente considerado e, mesmo do lado de cá é bastante difícil, eu diria mesmo que é preciso ter coragem, não no sentido físico mas no sentido intelectual, evidentemente, para assumir uma postura marxista, mesmo no seio académico. Mas toda a crise é parteira de novas qualidades e isto também será verdade para o projecto socialista.

Gostaria de terminar com uma nota de optimismo, acho que continua a valer a pena lutar pelos ideais de igualdade, de solidariedade, de democracia participada de justiça social. Do que se trata, hoje, é de lhes dar uma nova base teórica, que reflicta as conquistas do progresso, em todos os seus domínios, e o corredor cada vez mais universalista da existência humana.

Ulpiano Nascimento

Pois, pois, não discordo quanto à ideia geral, mas quero avançar mais um pouco no domínio do concreto.

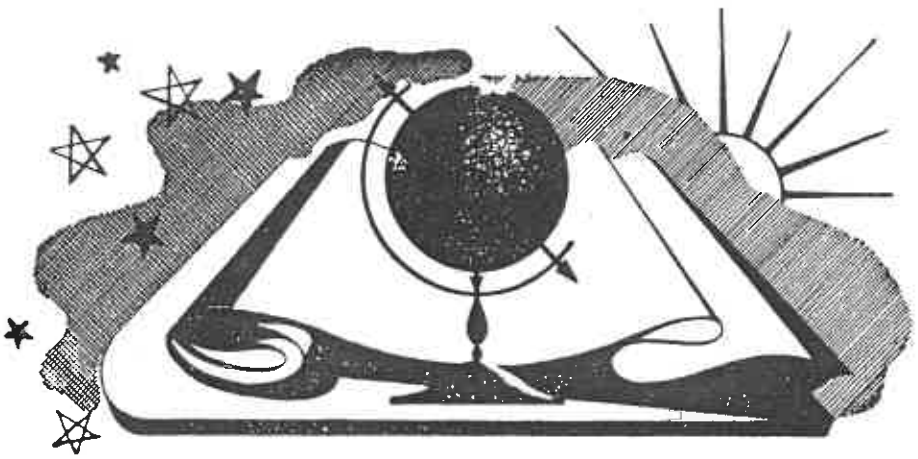
Se o capitalismo durante os últimos decénios sofreu transformações – e notórias – essas transformações não incidiram sobre o essencial do sistema, os seus objectivos, motivações e seus efeitos perversos, mas tão-somente sobre as vertentes tecnológica e organizacional, sobre a informação, comunicações e transportes e também sobre a ampliação da fronteira comercial que, no seu conjunto, impulsionaram o consumo para além da satisfação das necessidades correntes do homem comum das sociedades industrializadas capitalistas.

Esta constelação de factores, exógenos à lógica interna capitalista, fizeram aumentar a produção de bens e serviços e a sua taxa de produtividade, estimularam o mercado e, num processo de causa e efeito e de domínio, expandiram e intensificaram as relações económicas e financeiras internacionais à escala planetária.

Estes «êxitos» do sistema, porém, têm o reverso da medalha. Eles são geradores de desequilíbrios e de desigualdades no contexto territorial, económico, social e cultural e dão origem aos mais difíceis e variados problemas. em que a pressão dos interesses capitalistas não é alheia, e que só nos últimos 75 anos, os mais significativos, se contam por duas grandes guerras mundiais, pela grande revolução socialista e a instalação do socialismo de Estado nalguns países, por cerca de uma vintena de anos de odiosa prática fascista, pela passagem do colonialismo para a descolonização e desta para o neocolonialismo, marcado pela grande dívida do Terceiro Mundo e o seu gradual empobrecimento, pelas inúmeras guerras locais, massacres e invasões na Ásia, Malásia, África e América Central, e ainda por algumas recessões e crises económicas e «cracks» financeiros que abalaram o mundo, de que nos fala algo Paulo Kennedy, de Harvard.

Condições estas que poderão agravar-se, depois de mais um fôlego concedido agora ao grande capital transnacional pela abertura da fronteira comercial dos países de Leste, em consequência de ter deixado de existir para o capitalismo o inimigo público nº 1, o «perigo comunista», o qual, utilizado ou não a pretexto dessa ameaça, faziam unir económica, política e militarmente os países capitalistas, os quais, assim, aproveitaram em seu favor o vasto mercado de matérias-primas e de bens de consumo do Terceiro Mundo.

Tendo em conta as duras experiências vividas na actualidade nos países de Leste, que corporizam uma autêntica lição, uma certa instabilidade e insegurança que exibe a economia capitalista e as tremendas carências com que se debate o Terceiro Mundo, é lógico e legítimo perspectivar a evolução do socialismo. Se no século XIX este se teorizou e organizou em defesa dos fracos, oprimidos e explorados, no século em que vivemos foi promotor das primeiras sociedades socialistas e estabeleceu com os U.S.A. o poder bipolar, no próximo século, no diálogo e aprendizagem com a realidade, no choque das contradições, nas desigualdades e dificuldades crescentes, o socialismo impor-se-á pelas suas virtualidades, traduzindo no processo civilizacional opções colectivas para uma sociedade nova. Sim, porque o humanismo, a solidariedade, o meio ambiente e o próprio equilíbrio da saúde humana não são compatíveis com a maximização e oplimização do lucro, a intensificação do processo capitalista.



Dr. Roque Amaro

– Precisamente por ter posto estas questões é que eu acho que vai haver aqui uma deslocação da tal base do capitalismo, e, se for verdade, se for uma tendência forte ao lado da apropriação de capital, esta lógica da apropriação da informação e das qualificações aparentemente é mais colectiva do que a apropriação do capital (embora possa não ser assim!), porque necessita, para ser cabalmente aproveitada, precisamente de uma qualificação mais alargada, aliás isto liga-se ao tal paradigma sistémico, que exige equipas interdisciplinares (e eu até costumo ir mais longe do que isso, preferindo falar de indisciplinaridade), ou seja exige uma abertura na compreensão do real, na colaboração entre especialistas, na produção de informação e noutros aspectos.

Portanto, parece-me que a apropriação da informação e das qualificações (e não já do capital), poderá vir a ser um factor fundamental nesta história toda, sobretudo se a actividade do ser humano estiver concentrada na actividade de informação, ou melhor num conjunto de actividades que estão hoje metidas no terciário, mas que de facto são actividades de informação. Se assim for, julgo que a apropriação e as relações de produção que daqui decorrerão poderão ser relações de produção de novo tipo, tendo a ver com a tal noção empresarial de que eu falava atrás, mais horizontais, mais colectivas e portanto pelo menos um pouco diferentes, se não mesmo bastante diferentes daquilo que nós temos vindo a utilizar como a expressão do capitalismo.

Julgo que aí haverá transformações, que aliás já estão a ocorrer nalguns casos, tudo isto que eu disse já é uma realidade.

Temos talvez pouca informação sobre os Estados Unidos da América, mas alguns exemplos vão neste sentido: a ultrapassagem da crise na chamada zona dos grandes lagos, nomeadamente em Detroit (região de produção de automóveis) deu-se essencialmente numa base territorial local, porque foi a partir daquilo a que os americanos chamam a sociedade de «partnership» ou sociedade do parte-nariado (é a tradução portuguesa que eu tenho visto por aí), que é um pouco esta noção de partilha de responsabilidades.

Vai ser preciso de facto uma certa horizontalidade no interior das empresas, nas relações entre empresas e universidades, entre as empresas e os sindicatos (o que exige aos sindicatos um novo papel), etc. Há quem chame a isto colaboração de classe mas não é assim tão simples.

O partenariado tem vindo a traduzir-se nas tais novas formas empresariais nos Estados Unidos da América e na Suécia, estes são os exemplos mais conhecidos (como outros na R.F.A. e na Inglaterra, por exemplo) e tem vindo a traduzir-se de facto numa nova forma de negociação, aquilo a que Lipietz chama, num texto seu (em que coloca algumas destas questões), a negociação participada e partilhada e em que a apropriação da informação e das qualificações (pelos trabalhadores) para pôr a nova base tecnológica a funcionar correctamente não poderá ser um modo de apropriação individual do tipo da apropriação do capital.

E termino só com duas notas soltas.

Julgo que já estamos com uma lógica política diferente do sistema anterior, pelo facto de termos já decisões que obrigam os governantes de vários países a reunir-se, ou pela existência da Comissão Europeia, do Fundo Monetário Internacional, etc., mas o facto de também termos o poder local, mostra-nos que já estamos numa acção política diferente e isso permite-me, falar de um novo sistema em criação. Por outro lado, eu tenho tendência a ser um pouco mais optimista do que aqui o meu amigo Mário Murteira, porque quando ele diz que a nossa teoria é pobre porque não inspira a acção política, porventura a acção política é que já mudou e portanto o pensamento já é de outro tipo, já se inspira noutras bases, noutras referências e portanto eu não chegaria a essa conclusão.

Só mais uma nota final que é sobre o problema da ecologia.

Se o socialismo, a utopia do socialismo penso que permitiu corrigir alguns dos enviesamentos da utopia do individualismo, embora depois caísse no erro, a meu ver, de denegrir totalmente a individualidade do ser humano, e penso que foi essa uma das razões da falência dos países socialistas, de não ter sabido conjugar a utopia individualista com a utopia colectivista, mas o socialismo ainda não conseguiu valorizar outra coisa que é a utopia ambiental, ecológica, a relação do ser humano com a natureza.

Ora penso que neste momento da História, também temos alguns elemen-

tos que poderão completar o ramalhete destas três utopias (as três utopias que completam o ser humano).

Concluindo, na minha opinião, há uma série de mudanças que podem ir no sentido de nós já não estarmos no capitalismo, a menos que capitalismo seja igual a mercado. Penso que um certo triunfalismo que existe actualmente sobre o capitalismo tem mais a ver com o triunfalismo sobre o mercado, mas, como eu penso que mercado não é igual a capitalismo, uma coisa não se reduz à outra.

Dr. Mário Murteira

– Eu tentei responder à questão A, à questão B e à questão C. Para onde é que caminhamos? É um capitalismo transnacional, uma economia global? Eu suponho que de facto, nós estamos num capitalismo transnacional mas que ao mesmo tempo é uma economia global. Sem dúvida que estamos a caminhar para um sistema de economia mundial específico em que emergem poderes transnacionais, e não são as empresas transnacionais. Nós precisamos de ter uma interpretação de agentes como o Banco Mundial ou o Fundo Monetário Internacional ou a Comunidade Económica Europeia, que têm uma certa dimensão transnacional e portanto, num certo sentido muito comezinho, esse capitalismo é de facto transnacional. Por outro lado é interdependente, e cada vez mais estreitamente ligado, faz parte de um todo, de uma certa globabilidade. Aí coloca-se um certo problema a que eu sou muito sensível que é de saber o que resta do Estado/Nação. Em relação a isso, só faço uma interrogação, capitalismo transnacional/economia global, mas isso significa o fim do Estado/Nação? Tenho dúvidas, tenho a impressão que os sinais são contraditórios; se falamos de transnacionalidade que se afirma, parece que está ultrapassado o Estado/Nação, mas ao mesmo tempo uma das facetas da crise das economias e das sociedades do Leste, é aparentemente o ressurgimento da categoria Nação. Por outro lado, encontro autores insuspeitos de socialismo ou de radicalismo que ainda analisam a experiência dos novos países industrializados que dizem que ao fim e ao cabo, os factores de competitividade destes países ao nível da economia mundial residem em determinado suporte nacional, um determinado tipo de cultura nacional que provocou um sistema que é viável e competitivo na economia mundial.

Dr. Carlos Bastien

– Queria apenas referir-me a um outro tópico do nosso debate, o que se reporta ao capitalismo contemporâneo e à questão que é posta se o capitalismo ganhou e se estamos por esse facto no fim da história. Em minha opinião é facto irrecusável que o capitalismo ganhou conjunturalmente e revela hoje um à vontade no plano estratégico que era até há poucos anos impensável. Lembro-me até de ler em vários textos de economistas socialistas dos anos 70 a ideia de que ante a crise que o capitalismo então atravessava se esboçavam condições para que as economias socialistas, muito menos afectadas pelos aspectos internacionais da chamada crise do petróleo, arrancassem decisivamente na sua luta pela hegemonia económica mundial.

De facto, o cenário mudou muito na última década e o que temos é o colapso do «socialismo real» e a vitória para já do capitalismo transnacional. Este mudou também muito, adaptou-se às condições de crise, automatizou-se, transnacionalizou-se e recuperou uma certa estabilidade política e social e mesmo económica mas ainda assim, continuo a pensar que o capitalismo é um sistema histórico, portanto com um período de vigência limitado. A definição das formas produtivas e das formas sociais que o substituirão é bastante mais problemática, embora algumas ideias – de que aliás o Roque Amaro fez aqui eco – se vão constituindo.

Devo também sublinhar que todo este desfecho da sucessão de crises – do capitalismo e do socialismo real – tem muito de surpreendente para quem, como é o meu caso, foi educado politicamente na ideia de que o capitalismo vivia já a terceira fase da sua crise geral e que o socialismo era um sistema sem crises e em expansão ilimitada. A ideia da crise geral do capitalismo foi uma tese alimentada ao longo de décadas por sectores da esquerda marxista e pelo movimento comunista internacional e admitia-se até que essa crise ia já na sua terceira fase, precisamente quando a teoria foi abandonada.

Admitia-se a ideia de que a revolução soviética havia desmundializado o capitalismo, reduzindo o seu campo de acção e iniciado o seu processo de liquidação global, dando origem à primeira fase

dessa citada crise e – devo admitir – essa tese fazia sentido nas décadas seguintes se nos lembrarmos que a seguir àquela revolução vieram as sequelas da guerra e as diversas tentativas insurrecionais na Europa, depois a crise de 29 e a grande depressão, depois a 2ª Guerra Mundial e esta sucessão de conjunturas era de molde a alimentar uma certa visão de crise e de catástrofe mais ou menos iminente. Com o desenrolar das três décadas que se seguiram à 2ª guerra, com a estabilização e a expansão do capitalismo a tese tornou-se claramente anacrónica e nem o êxito de muitas das lutas de libertação nacional a confirmava, pois muitas das sociedades que resultaram desses processos não significavam uma rotura com a ordem capitalista mundial nem apontavam de modo consistente a emergência de uma ordem mundial radicalmente nova.

Apesar disso, a teoria subsistiu mais algum tempo, mas, a meu ver, apenas porque alimentava a esperança messiânica num colapso do capitalismo e dava ânimo aos que por tal lutávamos, mas não era já cientificamente possível. Deve até fazer-se, a este respeito, justiça ao antigo economista da 3ª Internacional E. Varga, ele próprio um dos obreiros da teoria e que no entanto veio no imediato pós-guerra sustentar a ideia de que o capitalismo estava no limiar de um novo período de estabilidade e de expansão, ideia que lhe terá valido alguns dissabores.

Dr. Octávio Teixeira

– Os acontecimentos nos países do leste europeu representam desaires para a causa do socialismo, mas não significam a vitória do modo de produção capitalista nem a sua superioridade sobre o modo de produção socialista. Esses acontecimentos não alteram as realidades do sistema capitalista enquanto sistema de exploração do homem pelo homem, de profundas injustiças e desigualdades sociais, com múltiplas formas de discriminação e opressão. Quando muito, poderei aceitar que, do ponto de vista ideológico e do desenvolvimento das forças produtivas, o capitalismo teve uma vitória sobre os "modelos" que se foram desenvolvendo nos países do Leste europeu. Mas tal, como julgo ter sido referido pelo António Mendonça, não há, no campo das ideias, lugar a uma vitória do capitalismo sobre o socialismo.

Aliás, importa não esquecer que o capitalismo, enquanto sistema, não é apenas a realidade dos EUA, da RFA ou do Japão e de mais meia dúzia de países economicamente desenvolvidos. É também, como já aqui foi referido, a realidade explosiva da grande maioria dos povos e países do Terceiro Mundo, é a exploração e a rapina desses povos por algumas poucas potências capitalistas e pelas multinacionais, é ainda a profunda desigualdade económica e social existente nos próprios países capitalistas desenvolvidos. Por isso que os acontecimentos recentes não signifiquem o fim da necessidade história do socialismo, como o modo de produção, como o sistema social capaz de dar resposta às profundas aspirações do Homem à dignidade, à liberdade e à igualdade.

No que respeita à tese da "crise geral do capitalismo", se a considerarmos como um determinismo histórico julgo que está ultrapassada. O capitalismo já deu suficientes provas da sua capacidade de adaptação a novas circunstância, a novas condições de reprodução. Capacidade que se manifesta de múltiplas formas, incluindo as formas de apropriação dos meios de produção, a regulação da produção a nível sectorial e espacial, as formas de apoio dos Estados e as de transferência de boa parte dos custos das crises para os trabalhadores e para os países subdesenvolvidos, etc. Mas, também aqui, o que me parece importante é a não dogmatização das teses e dos conceitos, antes enriquecê-los permanentemente tendo em conta a experiência histórica e os factos do mundo contemporâneo.

Em relação à conceptualização da dinâmica capitalista actual, não me sinto à vontade para avançar com juízos definitivos. No entanto, e apesar de tudo, eu não seria tão apressado em advogar o enterro da fase do Capitalismo Monopolista de Estado. É certo que na fase actual a reestruturação da economia capitalista mundial assenta numa internacionalização crescente da produção, e que há uma tendência para o reforço da regulação internacional da economia, quer através do FMI e outras instituições supranacionais, quer através das cimeiras dos principais Estados caspitalistas. Mas é igualmente inegável que a concorrência entre as empresas transnacionais, nomeadamente ao nível de elementos-chave do desenvolvimento tecnológico e da conquista de mercados, agrava as contradições entre os principais países capitalistas, já que a generalidade das transnacionais, apesar de um certo entrelaçamento internacional, continua a ter o seu "núcleo duro" assente em capitais nacionais das principais potências capitalistas. E a luta entre o capital monopolista transnacional continua a ter o apoio activo dos Estados capitalistas de origem. Isto é, julgo que mesmo numa base nacional, continua a verificar-se, e nalguns casos a aumentar, a intervenção generalizada dos Estados na vida económica e social e a interligação e interdependência entre os Estados e os monopólios transnacionais, características do Capital Monopolista de Estado. Mas, repito, sobre isto não quero ser peremptório.

Finalmente, e quanto ao tema do futuro global, julgo que ainda há muita indefinição no momento actual para que, também aqui, se possa desde já ter certezas. Excepto no que respeita à tese da "convergência de sistemas". Os sistemas capitalista e socialista, naquilo que mais os caracteriza e distingue, são por natureza divergentes. O que é fundamental no sistema socialista é a eliminação da exploração do Homem pelo Homem que, por sua vez, é o suporte existencial do sistema capitalista. Entre essas características essenciais, não há conciliação possível porque antagónicas. Mas isso não impede, naturalmente, a cooperação convergente entre Estados com diferentes sistemas socio-económicos, visando a resolução de problemas do interesse da Humanidade, ou a similitude de alguns instrumentos e mecanismo económicos ou de certas formas de protecção social. Mas o que é fundamental são as relações de produção dominantes e o sentido da evolução das sociedades.

Também me parece visível que a estratégia dos três grandes pilares do capitalismo mundial (EUA, RFA-CEE, Japão), face aos acontecimentos nos países socialistas, visa o reforço da pressão e ingerência política e ideológica, a organização de vias de dominação política e económica desses países, de modo a tentar impedir que aí possam ser adoptadas

reformas estruturais na via de soluções socialistas. Por isso que a tese de uma nova periferia, dos círculos concêntricos, seja um cenário de alto risco, que dependerá, fundamentalmente, da evolução que se vier a registar nos países do leste da Europa.

Haverá certamente uma maior globalização da economia mundial. E, espero, que ultrapassadas as graves dificuldades actuais na via do aprofundamento do socialismo, nomeadamente na URSS, nesse contexto de uma maior globalização da economia o futuro seja o da competição entre o capitalismo e o socialismo, assente na força das ideias e nos resultados práticos conseguidos. Uma competição de que, no processo histórico, resultará o reforço do ideal socialista e a demonstração prática da superioridade do modo de produção socialista.

AO SOLDADO INTERNACIONAL CAÍDO EM ESPANHA

Se há homens que têm uma alma sem fronteiras,
uma esparsa fronte de mundiais cabelos,
coberta de horizontes, barcos e cordilheiras,
com areia e com neve, tu és um deles.

As pátrias chamaram-te com todas as suas bandeiras,
que o teu alento enchera de belos movimentos.
Quiseste apaziguar a sede das panteras,
e flamejaste inchado contra os seus atropelos.

Com sabor a todos os sois e mares,
Espanha acolhe-te para nela realizares
a tua magestade de árvore que abarca um continente.

Através dos teus ossos irão os olivais
desfraldando na terra as suas mais férreas raízes,
abraçando os homens, universal, fielmente.

De: **Viento del Pueblo** MIGUEL HERNANDEZ

1ª EDIÇÃO: 1937

Tradução: José Carlos Gonzalez